



**Pedro Emanuel
Ferreira dos Reis Vieira**

Amino acid toxicity in Zebrafish

Toxicidade de aminoácidos em Peixe-zebra



**Pedro Emanuel
Ferreira dos Reis Vieira**

Amino acid toxicity in Zebrafish

Toxicidade de aminoácidos em Peixe-zebra

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Biologia Aplicada ramo Biologia Molecular e Celular, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Manuel António da Silva Santos, Professor Associado do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha mãe

o júri

presidente

Professor Doutor António José Arsénia Nogueira

Professor associado com agregado do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro

Doutora Ana Raquel Mano Soares

Investigadora de pós-doutoramento do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro

Doutor Paulo Jorge Travessa Gavaia

Investigador auxiliar do CCMAR da Universidade do Algarve

Professor Doutor Manuel António da Silva Santos

Professor associado do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro

agradecimentos

O maior agradecimento vai para a minha fantástica mãe, por me ter dado a oportunidade de ter chegado tão longe, de me apoiar, incentivar e me permitir ser a pessoa que sou hoje. Muito obrigado mãe.

Também gostaria de agradecer ao Professor Manuel Santos, por me ter acolhido no seu laboratório onde pude realizar este trabalho e por todos os ensinamentos que me transmitiu.

Um especial agradecimento a duas pessoas, as minhas “co-orientadoras”, a Marisa e a Ana. Obrigado Marisa por me teres aturado este ano, pelo acompanhamento de cada segundo do meu trabalho, por me guiares e por todos os ensinamentos. Obrigado Ana, por toda a ajuda nas últimas semanas, por teres exigido de mim duzentos por cento, por queres sempre mais e melhor. Obrigado às duas.

Também gostaria de agradecer à Violeta pela sua paciência pelas infinitas horas que passei a chateá-la a pedir material, pela companhia e pelos seus ensinamentos.

Não podia esquecer todos os colegas e amigos do laboratório que me proporcionaram bons momentos, pelo ensinamento e pela ajuda.

Também gostaria de agradecer ao Doutor Paulo pela sua ajuda no meu trabalho.

Não poderia esquecer a minha namorada Sofia pela sua paciência e apoio. Pelas longas horas que passou a ouvir-me falar de trabalho e mais trabalho e no fim ainda me incentivar a fazer mais e melhor. Obrigado.

Por fim, não poderia esquecer de agradecer à minha família e aos meus amigos por todo o apoio, força e compreensão que tiveram comigo, e me permitiu concluir este trabalho.

palavras-chave

Desequilíbrio nutricional, aminoácidos, toxicidade, peixe-zebra

resumo

As proteínas são sintetizadas através do mecanismo de tradução e são constituídas por aminoácidos. Além de serem as unidades básicas das proteínas, os aminoácidos também desempenham outras funções importantes na célula, tais como sinalização ou regulação do crescimento celular. No entanto, em excesso, os aminoácidos podem ser tóxicos, embora o mecanismo de toxicidade não esteja claro. Neste estudo, usámos o peixe-zebra como modelo vertebrado para avaliar a toxicidade induzida por diferentes aminoácidos como resultado do desequilíbrio nutricional. Para tal, avaliámos as alterações induzidas pela toxicidade de aminoácidos durante o desenvolvimento do peixe-zebra, para compreender se esta toxicidade podia estar relacionada com a incorporação errada de aminoácidos durante a tradução. Os resultados mostram que alguns dos aminoácidos causam toxicidade em peixe-zebra, nomeadamente, L-triptofano, L-glutamina, L-fenilalanina e L-arginina. Para entender se esta toxicidade pode ser causada pela produção de proteínas aberrantes, devido ao carregamento errado de aminoácidos no tRNA, resultante de um excesso de aminoácidos, analisámos a activação de vias de degradação de proteínas. Para isso realizámos análises por western blot do estado de poliubiquitinação do proteoma. Não foram observadas diferenças entre as diferentes concentrações de aminoácidos e do controlo, indicando que a via da ubiquitina-proteossoma não está directamente relacionada com a toxicidade de aminoácidos observada.

keywords

Nutritional imbalance, amino acids, toxicity, zebrafish

abstract

Proteins are synthesized through the mechanism of translation and are constituted by amino acids. Besides being the basic units of proteins, amino acids also play other important roles in the cell such as signaling or regulation of cell growth. However, in excess, amino acids can be toxic, although the mechanism of toxicity is still not clear. In this study we used zebrafish as a vertebrate model to assess the toxicity induced by different amino acids as a result of nutritional imbalance. Moreover, we evaluated the changes induced by amino acid toxicity during zebrafish development in order to understand if this toxicity could be related with wrong incorporation of mischarged amino acids during translation. The results show that some of the canonical amino acids cause high toxicity in zebrafish, namely L-tryptophan, L-glutamine, L-phenylalanine and L-arginine. To understand if this toxicity could be caused by the production of aberrant proteins, due to tRNA mischarging, result of an unbalanced amino acid pool, we analyzed the activation of protein degradation pathways. For this we did western blot analysis of the polyubiquitination state of the proteome. No differences were observed between different amino acid concentrations and the control indicating that the ubiquitin-proteasome pathway is not directly correlated with the amino acid toxicity observed.

TABLE OF CONTENTS

Table of contents.....	1
List of figures	3
Abbreviations	5
1. Introduction	7
1.1. The genetic code	9
1.2. Translation.....	11
1.3. The operational RNA code: tRNAs and aaRSs	13
1.3.1. tRNAs.....	13
1.3.2. aaRSs.....	14
1.4. Amino acids: building blocks of proteins.....	18
1.5. Classification and characteristics of the 20 canonical amino acids.....	20
1.5.1. Nonpolar amino acids.....	20
1.5.2. Polar, uncharged amino acids.....	20
1.5.3. Positively charged (basic) amino acids	21
1.5.4. Negatively charged (acidic) amino acids	21
1.6. Specialized roles of amino acids.....	23
1.7. Amino acid toxicity.....	24
1.8. Zebrafish as a model.....	26
1.9. Aims.....	28
2. Materials and methods	29
2.1. Amino acid assay on zebrafish embryos	31
2.1.1. Zebrafish maintenance.....	31
2.1.2. Egg collection	31
2.1.3. Amino acid solutions.....	32
2.1.4. Embryo observation	32
2.1.5. Statistical analysis.....	33
2.2. Embryo skeletal evaluation of deformities.....	34
2.2.1. Sample Collection and Fixation	34
2.2.2. Cartilage staining.....	34
2.3. Protein ubiquitination analysis.....	35

2.3.1.	Protein extraction	35
2.3.2.	Western blot	35
3.	Results	37
3.1.	Phenotypic effects of amino acid exposure	39
3.1.1.	Nonpolar amino acids	41
3.1.2.	Polar amino acids	46
3.1.3.	Basic and acidic amino acids	47
3.1.4.	Small amino acids, a different approach	49
3.2.	Cartilage damage by amino acid exposure.....	61
3.3.	Quantification of ubiquitin as a tool for accessing misfolded proteins.....	63
4.	Discussion	67
4.1.	Amino acid toxicity is not related with their R group	69
4.2.	Possible mechanisms of amino acid toxicity.....	71
	Conclusions.....	75
	Future perspectives.....	75
5.	References.....	77
	Annexes	85

LIST OF FIGURES

Figure 1 - The Genetic Code.. 10

Figure 2 - The Central Dogma of Molecular Biology..... 11

Figure 3 - Protein synthesis. 12

Figure 4 - The structure and domains of tRNA. 14

Figure 5 - Fidelity of protein synthesis.. 15

Figure 6 - tRNA aminoacylation.. 17

Figure 7 - General structure of an amino acid. 19

Figure 8 - The four groups of the twenty amino acids that constitute proteins..... 22

Figure 9 - Structure of protein amino acids and analogues..... 25

Figure 10 - Adult zebrafish 27

Figure 11 - Effects of L-tryptophan on survival, edema formation and malformation rate 42

Figure 12 - Embryos exposed to L-tryptophan..... 43

Figure 13 - Effects of L-phenylalanine on survival, hatching, growth rate and edema formation.
..... 44

Figure 14- Embryos exposed to L-phenylalanine..... 45

Figure 15 - Survival rate after L-glutamine treatment..... 46

Figure 16 - Survival rate after L-arginine treatment..... 47

Figure 17 - Effects of L-lysine, L-aspartic acid and L-glutamic acid on hatching rate. 48

Figure 18 - Effects of L-alanine on survival, hatching and normal development..... 51

Figure 19 - Embryos exposed to L-alanine show increased incidence of malformations 52

Figure 20 - Effects of L-glycine on survival, hatching and normal development. 53

Figure 21 - Embryos exposed to L-glycine show increased incidence of malformations..... 54

Figure 22 - Effects of L-proline on survival, hatching and normal development..... 55

Figure 23 - Embryos exposed to L-proline show increased incidence of malformations. 56

Figure 24 - Effects of L-serine on survival, hatching and normal development. 57

Figure 25 - Embryos exposed to L-serine show increased incidence of malformations..... 58

Figure 26 - Effects of L-valine on survival, hatching and normal development. 59

Figure 27 - Embryos exposed to L-valine show increased incidence of malformations..... 60

Figure 28 – Lateral view of the head of a normal larva between 5 and 6 days, showing the jaw and the branchial arches..... 61

Figure 29 – Lateral view of the head of embryos at 120 hpf exposed to 350 mM of small amino acids. 62

Figure 30 - Western Blot for ubiquitin and β – tubulin.. 64

Figure 31 – Effects of the 20 canonical amino acids on survival and abnormal phenotypes. .. 92

Figure 32 - Embryos exposed to 5 mM of L-tryptophan. 93

Figure 33 - Embryos exposed to 100 mM of L-aspartic acid, L-glutamic acid and L-lysine. 94

ABBREVIATIONS

%	Percent
µg	Micrograms
µL	Microliter
AMP	Adenosine monophosphate
aaRS	Aminoacyl-tRNA synthetase
ATP	Adenosine triphosphate
CaCl ₂	Calcium chloride
Cl	Chloride
DNA	Deoxyribonucleic acid
Dpf	Days pos fertilization
g	Grams
h	Hours
H ₂ O	Water
HCl	Hydrochloric acid
Hpf	Hours pos fertilization
KCl	Potassium chloride
KOH	Potassium hydroxide
L	Liter
M	Molar
mA	Microamperes
ml	Mililiter
mM	Milimolar
mmoles	Milimoles
mRNA	Messenger RNA
NaCl	Sodium chloride
NaOH	Sodium hydroxide
°C	Celsius
PAA	Polyacrylamide
PPi	Pyrophosphate

RNA	Ribonucleic acid
rpm	Revolutions per minute
TBS	Tris buffered saline (0.5 M Tris base; 9% NaCl; pH 8.4)
tRNA	Transfer RNA
UV	Ultraviolet

1. INTRODUCTION

1.1. THE GENETIC CODE

In all living organisms the genetic information is stored as DNA in the form of genes and this information is transcribed into mRNA. The mRNA is then used as a template for protein synthesis. This means that the information contained in DNA is directly related to proteins and this direct relationship is assured by the genetic code (Crick, 1970).

The genetic code was established in the 1960s and is a universal algorithm that relates nucleotide triplets in genes and mRNAs with proteins, being present in the three kingdoms of life - archae, bacteria and eukarya (Crick, 1970; Schimmel, 2008). The combination of triplets of the 4 ribonucleosides (adenosine, uridine, guanosine, cytidine) results in 64 different codons. From these, only sixty-one encodes for the twenty canonical amino acids and three constitute stop codons. In eukaryotes, only one codon (AUG) initiates the protein synthesis, which codes for methionine. This code is non-overlapping and each codon codes for only one amino acid (Agris, 2004; Schimmel et al., 1993).

Some amino acids are specified by only one codon, namely methionine (AUG codon) or tryptophan (UGG codon), but the remaining amino acids are encoded by more than one codon. For example, phenylalanine is encoded by two-codon sets, isoleucine is encoded by three codons, alanine by four codons, while serine is encoded by six different codons (Figure 1) (Agris, 2004).

UUU Phe	UCU Ser	UAU Tyr	UGU Cys
UUC Phe	UCC Ser	UAC Tyr	UGC Cys
UUA Leu	UCA Ser	UAA Stop	UGA Stop
UUG Leu	UCG Ser	UAG Stop	UGG Trp
CUU Leu	CCU Pro	CAU His	CGU Arg
CUC Leu	CCC Pro	CAC His	CGC Arg
CUA Leu	CCA Pro	CAA Gln	CGA Arg
CUG Leu	CCG Pro	CAG Gln	CGG Arg
AUU Ile	ACU Thr	AAU Asn	AGU Ser
AUC Ile	ACC Thr	AAC Asn	AGC Ser
AUA Ile	ACA Thr	AAA Lys	AGA Arg
AUG Met	ACG Thr	AAG Lys	AGG Arg
GUU Val	GCU Ala	GAU Asp	GGU Gly
GUC Val	GCC Ala	GAC Asp	GGC Gly
GUA Val	GCA Ala	GAA Glu	GGA Gly
GUG Val	GCG Ala	GAG Glu	GGG Gly

Figure 1 - The Genetic Code. The 61 codons for the 20 amino acids and three codons for the translational stop signals. Codon boxes with white backgrounds contain four codons for one amino acid and codon boxes with shaded backgrounds contain codons for more than one amino acid, or an amino acid plus stop codons.

Adapted from (Agris, 2004).

The distribution of the amino acids over the genetic code shows an association between codons and amino acid polar properties. Codons encoding amino acids with similar chemical properties tend to be related. For example, codons with a U at the second position code for five of the most hydrophobic amino acids, namely phenylalanine, leucine, isoleucine, methionine and valine. Six of the most hydrophilic amino acids, namely histidine, glutamine, asparagine, lysine, arginine and glycine have an A at the second codon position. Moreover, the acidic amino acids aspartic acid and glutamic acid that belong to a split codon family in which their amine derivatives asparagine and glutamine belong to codon families that only differ in the first codon position (Woese, 1965; Woese et al., 1966). Why an amino acid is encoded by a specific codon or evolved in such a manner is unknown. However, it is likely that its biased codon organization and redundancy may minimize decoding error and consequently, minimize the impact of such error on the proteome (Schimmel, 2008; Schimmel et al., 1993).

1.2. TRANSLATION

The genetic code is assured by three basic mechanisms of life (Figure 2): DNA replication, transcription and translation. DNA replication preserves and transmits the DNA information from the mother to the daughter cell. During transcription, a complementary RNA copy of the genetic information (mRNA) is created from DNA. Then the mRNA is used as a template and translated into protein in the ribosome (Antonellis and Green, 2008; Cochella and Green, 2005).



Figure 2 - The Central Dogma of Molecular Biology. The genetic information in DNA is transcribed into mRNA by RNA polymerase, followed by translation of the mRNA molecule and synthesis of proteins carried out in the ribosome.

Adapted from (Berg et al., 2002)

During translation, ribosomes in conjunction with tRNA, amino acids, translational factors and aminoacyl-tRNA synthetases (aaRSs), read the mRNA message and produce protein products according to the instructions written in that message. Ribosomes contain three tRNA binding sites, the aminoacyl site (A site), peptidyl site (P site) and exit site (E site), all of which contribute to quality control of mistranslation (Kapp and Lorsch, 2004).

The translation process can be divided into three phases: initiation, elongation and termination (Figure 3). In eukaryotes, translation initiation involves the positioning of an elongation-competent 80S ribosome at the initiation codon (AUG) which indicates the ORF (open reading frame). The small (40S) ribosomal subunit initially binds to the 5' end of the mRNA and scans it in the 5'→3' direction until the initiation codon is identified. The large (60S) ribosomal subunit then joins the 40S subunit at this position to form the catalytically competent 80S ribosome (Agris, 2004; Gebauer and Hentze, 2004).

During elongation, the ribosome moves along the mRNA, towards its 3'-end, assembling amino acids after reading codons. The aminoacyl-tRNA binds to the cognate codon in the ribosome forming anticodon-codon interactions. During initial selection, aminoacyl-tRNAs bind the A site (except the initiator aminoacyl-tRNA, always methionine in eukaryotes, which binds to the P site). Then, the α -amino group of the aminoacyl-tRNA (in A site) attacks the carbonyl carbon of the P site peptidyl-tRNA, and a peptide bond is formed. The A site then contains the peptidyl-tRNA, which is one amino acid longer, and a deacylated tRNA is left in the P site. The ribosome then translocates one codon along the mRNA, moving the newly deacylated tRNA into the E site, the peptidyl-tRNA from the A site to the P site, and leaving the A site free to accept the next incoming aminoacyl-tRNA (Gebauer and Hentze, 2004; Kapp and Lorsch, 2004).

Termination of protein synthesis occurs when one stop codon is present in the A site. This leads to the release of the completed polypeptide followed by the hydrolysis of the ester bond that links the polypeptide chain to the P site of the deacylated tRNA (Hoshino et al., 1999).

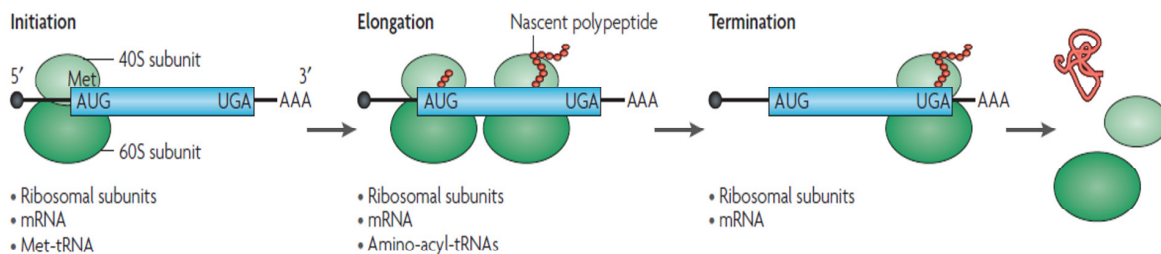


Figure 3 - Protein synthesis. The three stages of mRNA translation in eukaryotes (initiation, elongation and termination). The ORF is indicated by a blue rectangle with the AUG start codon and a stop codon (UGA), untranslated regions are shown as black, the ribosomal subunits (40S and 60S) are indicated in green and the growing (or released) polypeptide in red.

Adapted from (Albrecht et al., 2010)

1.3. THE OPERATIONAL RNA CODE: tRNAs AND aaRSs

The ribosome has the capacity to discriminate between correct and incorrect codon–anticodon interactions. Most tRNAs that enter in the A site fail to form three base pairs with the displayed codon and the tRNA rapidly dissociates. Therefore, in this process only cognate tRNAs are efficiently retained (Reynolds et al., 2010). However, the ribosome cannot identify misacylated tRNAs and consequently, translation accuracy strongly relies on aminoacylation specificity, that correlates amino acids to specific structural features located in tRNAs structure by the aaRSs (Agris, 2004; Gebauer and Hentze, 2004; Reynolds et al., 2010).

1.3.1. tRNAs

tRNAs provide the link between the codons that constitute the mRNA and the amino acids. They are charged with an amino acid by aaRSs. This amino acid will be incorporated into the growing polypeptide that is being synthesized during translation. tRNAs are grouped in families of isoacceptors, which are tRNA species that are recognized by a single aaRS, but decode different codons (Cusack, 1997; Sprinzl and Vassilenko, 2005).

All tRNAs share a common secondary structure represented by a cloverleaf-like structure (Figure 4A). This structure consists of four base-paired stems defining three stem-loops – the D loop, the anticodon loop and the T loop – and the acceptor stem with the 3' single stranded CCA end, to which amino acids are added in the charging step. The number of nucleotides in the stem and loop regions is conserved and can therefore be referenced by a standard number. tRNAs also have a variable or extra region between the anticodon and the T loops.

The tRNAs also assume a L-shaped three-dimensional structure (Figure 4B). This shape maximizes stability by lining-up the base pairs in the D stem with those in the anticodon stem and the base pairs in the T stem with those in the acceptor stem, thus defining two functional domains. One will interact with the mRNA template and the other with the amino acid, being the two domains at opposite ends of the tRNA (Agris, 2004; Phizicky and Hopper, 2010).

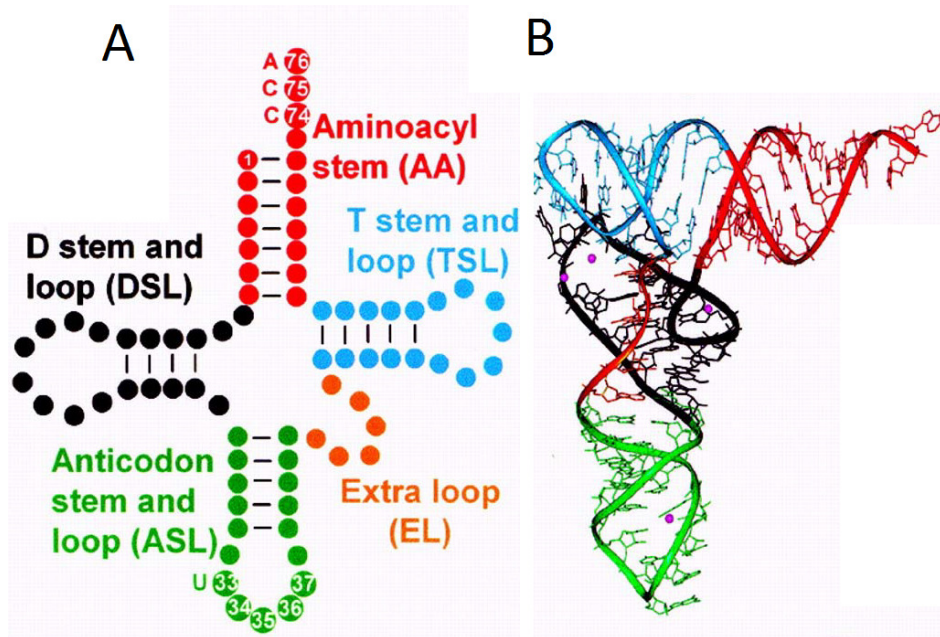


Figure 4 - The structure and domains of tRNA. The secondary dimensional structure of tRNA is represented on the left and the tertiary structure in the right.

Adapted from (Scheper et al., 2007)

1.3.2. aaRSs

There are twenty different aaRSs, one for each amino acid and tRNA family. They can distinguish between different tRNA families and charge the correspondent tRNA with the cognate amino acid (Hopper et al., 2010; Zhou et al., 2011).

The aminoacylation of the tRNA is highly specific and involves a two-step reaction. The amino acid is first activated by ATP when the carboxyl group in the amino acid is attached to the phosphoryl group of AMP, forming an aminoacyl adenylate intermediate. Once activated, the amino acid is transferred to the 3' end of its corresponding tRNA molecule, with release of the final product, aminoacyl-tRNA, which will be used in protein synthesis (de Pouplana and Schimmel, 2001; Schimmel et al., 1993).

The basic reaction is:

1. $\text{ATP} + \text{amino acid} + \text{aaRS} \rightarrow \text{aaRS: aminoacyl adenylate} + \text{PPi}$
2. $\text{tRNA} + \text{aaRS: aminoacyl adenylate} \rightarrow \text{aaRS} + \text{aminoacyl-tRNA} + \text{AMP}$

Because the reactions require the capacity to recognize and discriminate tRNAs as well as small chemicals such as amino acids and ATP, the structures of aaRSs are well equipped for interacting with diverse molecules and are highly specific (Figure 5) (Hausmann and Ibba, 2008; Park et al., 2008; Yuan et al., 2008).

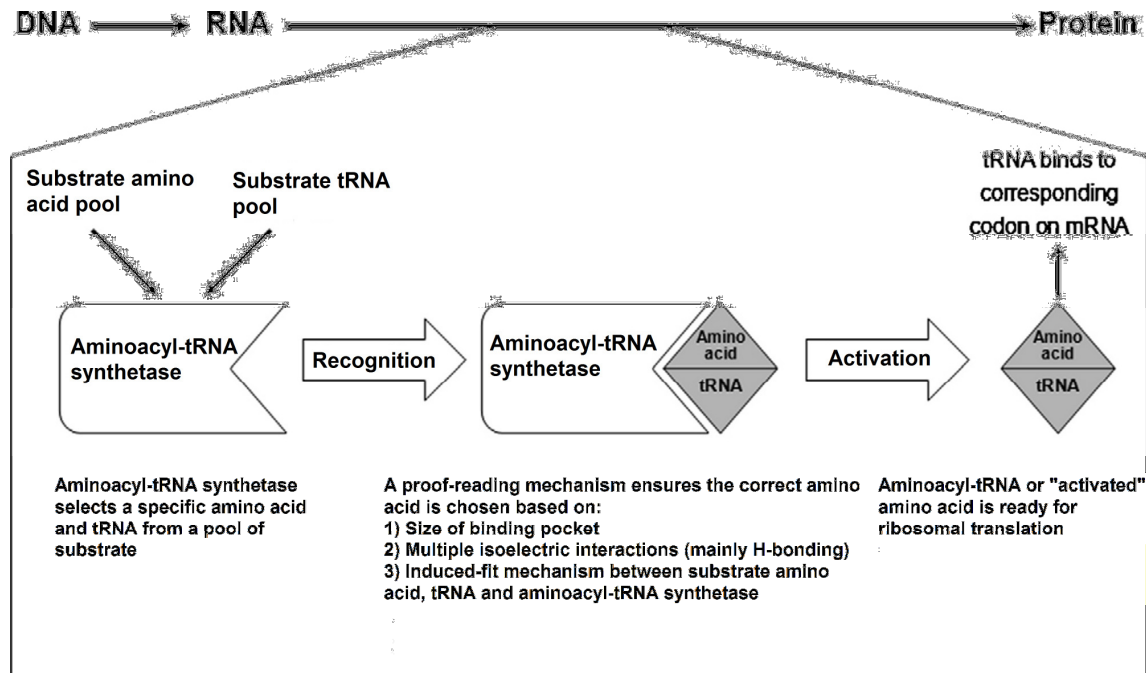


Figure 5 - Fidelity of protein synthesis. The aaRSs select the amino acids and tRNAs from the pool of substrate and form the aminoacyl-tRNA complex through proof-reading mechanisms.

Adapted from (Rodgers and Shiozawa, 2008)

Generally, tRNA selection by aaRSs does not present a major challenge, as tRNAs are big enough to contain a large number of 'identity elements' for specific interactions with aaRSs. Amino acids, however, are smaller and must be distinguished solely by the nature of their side-chains. Although there are substantial chemical differences among most amino acids, the very similar chemical and/or structural properties of some make them difficult to distinguish (Cochella and Green, 2005; Hausmann and Ibba, 2008). To solve this situation, the aaRSs have two step reactions for aminoacylation (Figure 6). The first one occurs at the synthetic site when the amino

acid is transferred to the tRNA and the second one occurs at the editing site (Jakubowski and Goldman, 1992). In the first step, amino acids with larger side chains or different specific properties are excluded, which makes this synthetic site specific enough so that only the correct amino acid can be activated and transferred. However, smaller amino acids can establish sufficient interactions and can be activated and transferred to the tRNA. The role of the second site (the editing site), which is too small to fit the cognate amino acid and is distinct from the synthetic site, is to hydrolyze other small amino acids that slipped through the first selection (reduces the general error of aaRSs from 1 in 10^3 to 1 in $10^4 - 10^5$) (Reynolds et al., 2010; Schimmel, 2008).

The removal of the non-cognate amino acid can occur in the mischarged aminoacyl adenylate (pre-transfer editing) leading to the release of the non-cognate amino acid, AMP and PPI or in the mischarged complex aminoacyl-tRNA (pos-transfer editing) where the RNA–amino acid ester linkage is hydrolyzed. If the non-cognate amino acid is not cleared, a wrong amino acid will be incorporated in a protein, which can ultimately alter the protein structure and/or function (Cochella and Green, 2005; Lee et al., 2006).

For example, threonyl-tRNA synthetase must discriminate threonine from valine and from serine (both similar to threonine). This aaRS can discard amino acids larger than threonine, based on size and also discards valine because this amino acid binds significantly more weakly than threonine with threonyl-tRNA synthetase (a specific interaction between a zinc ion in the synthetic site and the hydroxyl group of threonine does not form when valine is bound). In the case of serine, this aaRS binds to the zinc ion in the synthetic site and is activated and transferred with a basal error (Cochella and Green, 2005).

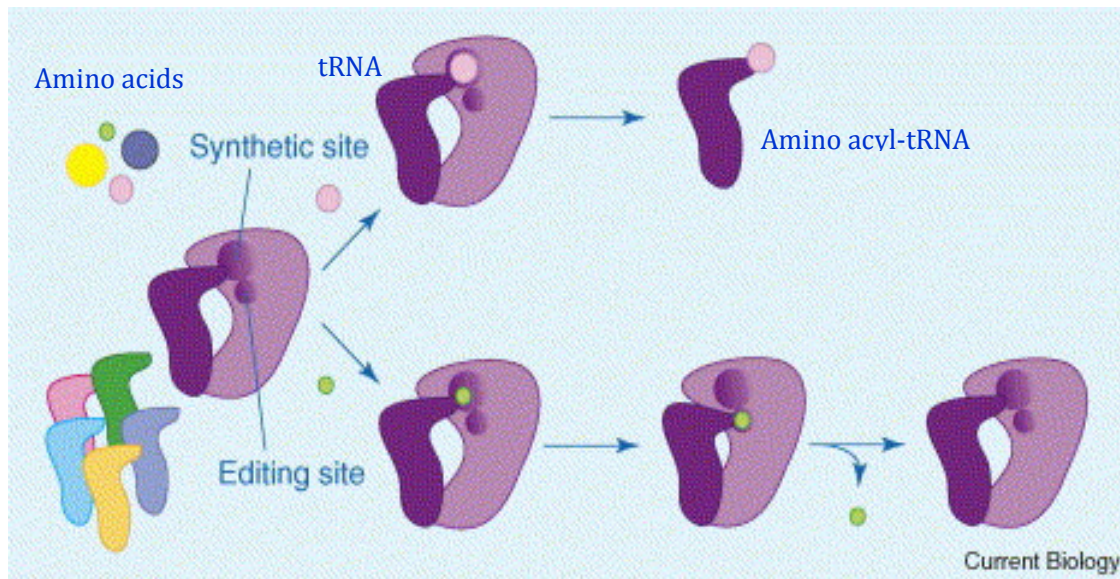


Figure 6 - tRNA aminoacylation. The correct selection and activation of the cognate amino acid is made by the aaRS at the synthetic site (up). When a non-cognate amino acid is incorporated, the aaRS hydrolyze the amino acid at the editing site excluding it (down).

Adapted from (Cochella and Green, 2005)

The aaRSs can be grouped in two classes – class I and class II- of 10 enzymes each. The classification is based on the architectures of the two distinct active sites. Class I is characterized by a Rossmann nucleotide-binding fold, consisting of alternating β -strands and α -helices, responsible for adenylate synthesis. In class II enzymes, the active site is formed by seven-stranded β -structure with flanking α -helices (Schimmel, 2008). Also, class I enzymes are mostly monomeric and in the aminoacyl-tRNA formation, the aminoacyl group is transferred to the 2'-hydroxyl group of the terminal adenosine of the tRNA and then moved to the 3'-hydroxyl by a trans-esterification reaction. In class II, all enzymes are multimeric, with the majority being homodimer. Also, in the aminoacyl-tRNA formation, the aminoacyl group is directly loaded on the 3'-hydroxyl of the terminal adenosine. These differences in the reaction mechanisms are a direct consequence of how aaRSs bind to the tRNA. Class I aaRSs bind the tRNA minor groove, and class II aaRSs recognize its major groove.

The class division of aaRSs is very rigid and each enzyme only belongs to one class. The class I enzymes include arginine, cysteine, glutamic acid, glutamine,

isoleucine, leucine, methionine, tyrosine, tryptophan, and valine tRNA synthetases. Most of these enzymes are monomeric. Class II enzymes are alanine, asparagine, aspartate, glycine, histidine, lysine, phenylalanine, proline, serine and threonine tRNA synthetases (Schimmel et al., 1993; Woese et al., 2000).

1.4. AMINO ACIDS: BUILDING BLOCKS OF PROTEINS

Proteins play an important role in life and are the most abundant class of biomolecules, occurring in all cells. They occur in great variety, size, molecular weight and function. This diversity is due to the basic elements of proteins, the amino acids and it is influenced by how these elements are rearranged, their acid-basic properties, their structure and also their chirality (Voet and Voet, 1995).

The structure of an amino acid consists in a tetrahedral alpha carbon ($C\alpha$), which is covalently linked to both the amino group and the carboxyl group (Figure 7). Also bonded to this α -carbon are hydrogen and a variable side chain. It is the side chain (R-group) that gives each amino acid its identity. With four different groups connected to the α -carbon, the amino acids are chiral (the α -carbon is the chiral center) and the two mirror-image forms are called the “L” isomer and the “D” isomer. Only “L” amino acids are constituents of proteins. However, some microorganisms elaborate some peptides containing both isomers (Garret and Grisham, 1995; Voet and Voet, 1995).

Amino acids in solution at neutral pH exist predominantly as dipolar ions. In the dipolar form, the amino group is protonated ($-NH_3^+$) and the carboxyl group is deprotonated ($-COO^-$). The ionization state of an amino acid varies with pH. In acid solution, the amino group is protonated ($-NH_3^+$) and the carboxyl group is not dissociated ($-COOH$). In basic solution, the carboxylic acid is deprotonated ($-COO^-$) and the amino group loses a proton ($-NH_2$) (Nelson and Cox, 2004).

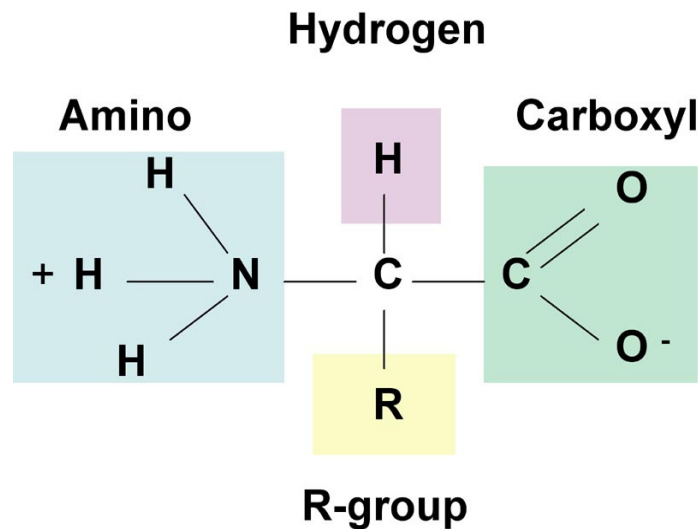


Figure 7 – General structure of an amino acid. This structure is common to all amino acids and includes a R group, an amino group and a carboxyl group, as well as a hydrogen.

<http://blog.drewberman.com/wellness-project/what-are-amino-acids> (20-10-2011)

Although there are more than 300 natural occurring amino acids, all proteins in bacterial, archaeal, and eukaryotic species are constituted by the 20 canonical amino acids. The 20 canonical amino acids almost never occur in equal amounts in a protein. Some amino acids may occur only once or may not be present at all in a given type of protein while others may occur in large numbers. The first amino acid to be discovered was asparagine, in 1806, whereas the last canonical amino acid to be found was threonine in 1938. All the amino acids have trivial or common names that in some cases derive from the source from which they were first isolated. For example, asparagine was first found in asparagus, and glutamate in wheat gluten; tyrosine was first isolated from cheese and its name is derived from the Greek tyros, “cheese” whereas glycine (Greek glykos, “sweet”) was so named because of its sweet taste (Nelson and Cox, 2004; Voet and Voet, 1995).

1.5. CLASSIFICATION AND CHARACTERISTICS OF THE 20 CANONICAL AMINO ACIDS

There are several ways to classify the 20 amino acids found in proteins, based on size or nutritional needs for example. However, the most common way is based on the properties of their R group; in particular, their polarity or tendency to interact with water at neutral pH, forming four groups (Figure 8). The polarity of the R groups varies widely, from nonpolar and hydrophobic (water-insoluble) to highly polar and hydrophilic (water-soluble) (Garret and Grisham, 1995; Voet and Voet, 1995).

1.5.1. NONPOLAR AMINO ACIDS

The R group in this class of amino acids is nonpolar and hydrophobic. Alanine, valine, leucine and isoleucine have an alkyl group chain (Figure 8-A). Glycine has the smallest side chain, a hydrogen atom. Alanine, valine, leucine and isoleucine side chain varies in size from a methyl group for alanine to isomeric butyl groups for leucine and isoleucine. Proline has an aliphatic side chain with a distinctive cyclic structure. Methionine, one of the two sulfur-containing amino acids, has a non polar thioether group in its side chain. Aromatic amino acids are phenylalanine, tyrosine and tryptophan and they have aromatic side groups (Figure 8-B). Tyrosine and tryptophan are significantly more polar than phenylalanine, because of the tyrosine hydroxyl group and the nitrogen of the tryptophan indole ring (Garret and Grisham, 1995; Voet and Voet, 1995).

1.5.2. POLAR, UNCHARGED AMINO ACIDS

The R groups of these amino acids are more soluble in water, or more hydrophilic than those of the nonpolar amino acids, because they contain functional groups that form hydrogen bonds with water. This class of amino acids includes serine, threonine, cysteine, asparagine, and glutamine (Figure 8-C). The polarity of serine and threonine is due to their hydroxyl groups, while the polarity of cysteine is due to its sulfhydryl group. On the other hand, the polarity of asparagine and glutamine derives from their amide groups (Garret and Grisham, 1995; Voet and Voet, 1995).

1.5.3. POSITIVELY CHARGED (BASIC) AMINO ACIDS

The most hydrophilic amino acids are those that are either positively or negatively charged. The amino acids in which the R groups have significant positive charge at pH 7.0 are lysine, which has a second primary amino group, arginine, which has a positively charged guanidino group; and histidine, which has an imidazole group (Figure 8-D). Histidine is the only common amino acid having an ionisable side chain serving as a proton donor/acceptor (Garret and Grisham, 1995; Voet and Voet, 1995).

1.5.4. NEGATIVELY CHARGED (ACIDIC) AMINO ACIDS

The two amino acids having R groups with a negative charge at pH 7.0 are aspartic acid (aspartate) and glutamic acid (glutamate), both having a second carboxyl group (Figure 8-E). These side chain carboxyl groups are weaker acids than the α -COOH group, but are sufficiently acidic to exist as $-\text{COO}^-$ at neutral pH. Asparagine and glutamine are, respectively, the amides of aspartic acid and glutamic acid (Garret and Grisham, 1995; Voet and Voet, 1995).

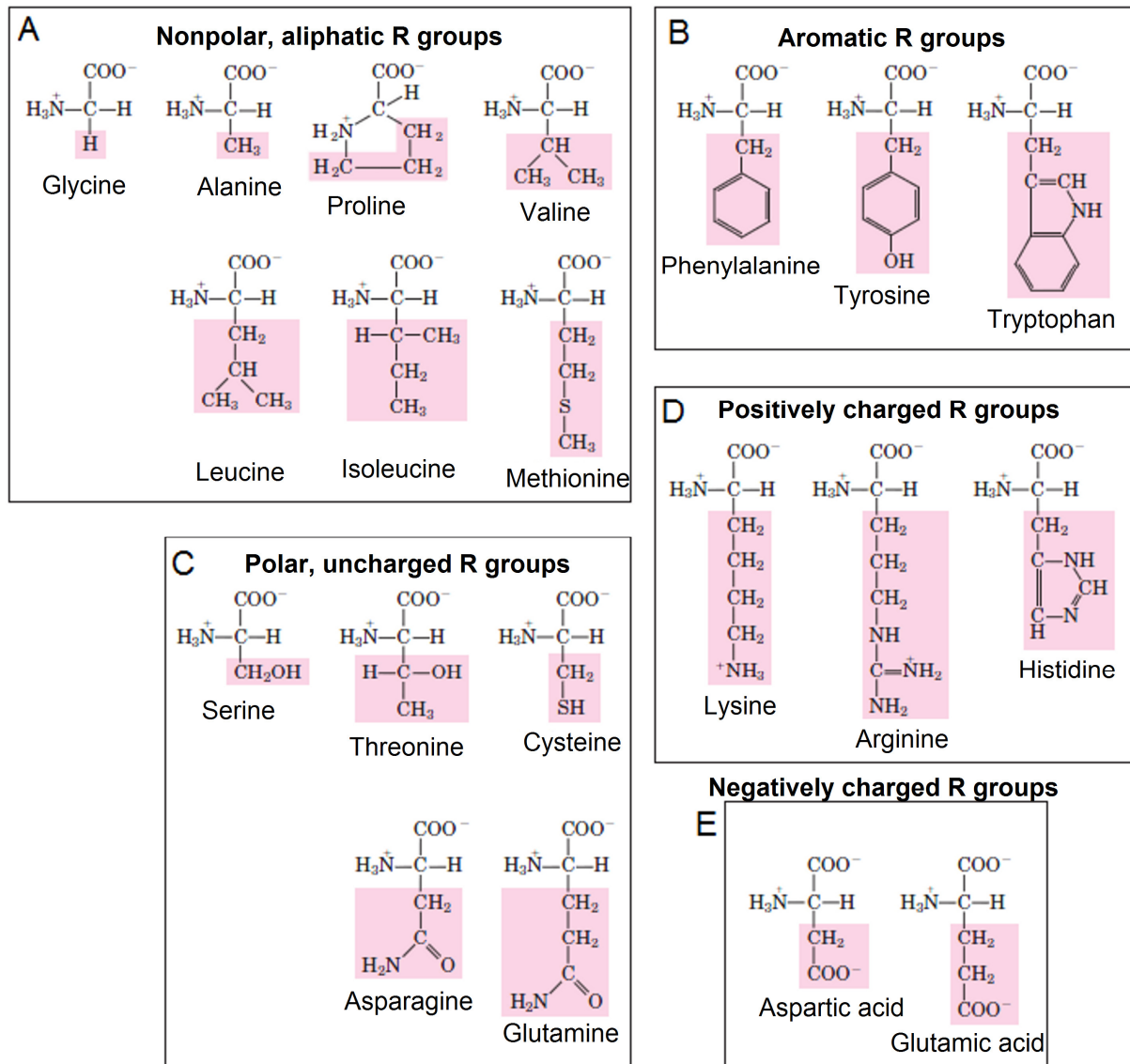


Figure 8 - The four groups of the twenty amino acids that constitute proteins. The nonpolar amino acids are glycine, alanine, proline, valine, leucine, isoleucine, methionine, phenylalanine, tyrosine and tryptophan (the last three are separated only to highlight the fact they are aromatic). Serine, threonine, cysteine, asparagine and glutamine are the polar amino acids. The positively charged amino acids are lysine, arginine and histidine, while the negatively charged amino acids are aspartate and glutamate. The structural formulas show the state of ionization that would predominate at pH 7.0.

Adapted from (Nelson and Cox, 2004)

1.6. SPECIALIZED ROLES OF AMINO ACIDS

Amino acids have many biologically important functions. They are the basic units of proteins and because of that they play a key role in protein synthesis. Besides this important function, amino acids alone also participate in other important functions (Nelson and Cox, 2004).

They can function as chemical messengers in the communication between cells or they can originate molecules that participate as chemical messengers. For example, glycine is an inhibitory neurotransmitter in the central nervous system. Some amino acid products also participate as chemical messengers, such as histamine, the decarboxylation product of histidine, which is a potent local mediator of allergic reactions or the neurotransmitters γ -aminobutyric acid (a glutamic acid decarboxylation product) and dopamine (a tyrosine product). Another example is thyroxine, a tyrosine product, which is a thyroid hormone that stimulates vertebrate metabolism (Garret and Grisham, 1995; Voet and Voet, 1995).

Amino acids or their products also can act as intermediates in various metabolic processes, such as regulation of cell growth, production of metabolic energy, nitrogen metabolism or synthesis of purines and pyrimidines. Other functions are for example, urea biosynthesis with the intermediates aspartic acid, citrulline and ornithine (both arginine products) or amino acid metabolism, in which homocysteine (a cysteine product) plays a key role (Castagna et al., 1997; Nelson and Cox, 2004).

1.7. AMINO ACID TOXICITY

Although amino acids are important molecules in the cell, like every molecule, in excess they can be toxic and damage the cell (Voet and Voet, 1995). Amino acid toxicity normally results in growth reduction, malformations or death as a result of excessive levels of an amino acid (Smith, 1968). This toxicity can result from the high intake from a single or a mixture of amino acids or in severe cases, during critical illness. In critical illness, food intake can be compromised due to altered digestibility or administration of different compositions and quantities of food constituents. The temporary pool of protein, which accumulates after a meal in the gut, is slowly released as amino acids in circulatory system. So, in critical illness, this release can be deregulated and large quantities of amino acids can be released. Also, the priority is to generate a healing response rather than to preserve muscle mass. As a consequence, loss of muscle mass can increase amino acids concentrations in circulatory system (Soeters et al., 2004).

Understanding which amino acid concentrations affect health or knowing amino acid intake necessities of some animals (for example pigs) is important in order to obtain the best development and maximum growth (Baker, 2004; Soeters et al., 2004). Several vertebrate models have been used for studying amino acid toxicity namely chicken (Smith, 1968), rat (Peng et al., 1973), mouse (Dever and Elfarra, 2008) and pig (Baker, 2004).

The amino acid mechanism of toxicity is usually due to one of the following effects: competitive inhibition of enzymes or transporters because of resemblance to the normal substrate; interference in other metabolic processes or interference in the activation and transfer of the cognate amino acid to the tRNA (Hylin, 1969). Usually the main toxic pathway is the first one, with a group of amino acids interfering in a transport system of another group of amino acids. For example, Peng and colleagues observed that large neutral amino acids such as methionine or leucine in excessive concentrations interfered with small neutral amino acids transport systems such as glycine or serine and vice-versa, incorporating in a wrong transporter and affecting the intake of some amino acids (Peng et al., 1973). Also wrong incorporation of an amino

acid can affect the neurotransmitter concentration. For example, high phenylalanine concentrations reduced the serotonin concentration in chicken (Lartey and Austic, 2008). Besides this toxicity, amino acids can interfere in other metabolic pathways. For example, high concentrations of cysteine increases sulfate (a strong anion), and consequently causes lethal metabolic acidosis in the chick (Dilger and Baker, 2008). Another example is glutamine which increases ammonia leading to neurotoxicity (Albrecht et al., 2010).

Analog amino acids can be incorporated during translation by tRNAs. These analog amino acids are similar in size and shape with the canonical amino acids and because of that, they can bond with the aaRSs and be mischarged onto tRNA and be inserted in the growing polypeptide. Although the protein structure and function can remain unaltered by incorporation of one or more analogues, in some cases, this situation can alter greatly the protein causing toxicity to the cell (Rodgers and Shiozawa, 2008). Two examples of mischarging of an analog onto tRNA are canavanine instead of arginine by ArgRS (Figure 9-A) and azetidine instead of proline by ProRS (Figure 9-B) (Hendrickson et al., 2004; Schwartz and Maas, 1960).

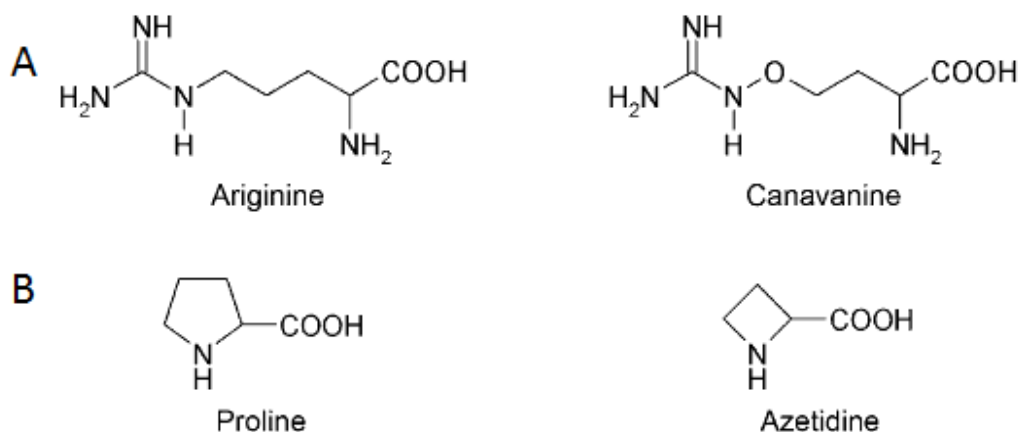


Figure 9 - Structure of protein amino acids and analogues. A) Structure of arginine and its analogue canavanine. **B)** Structure of proline and its analogue azetidine.

Adapted from (Rodgers and Shiozawa, 2008).

1.8. ZEBRAFISH AS A MODEL

To evaluate the toxicity of a chemical or compound, it is essential to identify the endpoints of toxicity and their dose-response relationships. Although studies in cultured cells are a way to understand toxicity mechanisms, *in vitro* systems are limited by the availability of appropriate cell lines and *in vitro* culture conditions do not reflect the natural environment of cells in the body. Whole organism approaches provide the most comprehensive picture of the toxic effect (Yang et al., 2009). Several vertebrate models have been used to test this toxicity and to extrapolate toxicant effects to humans. Because genes, receptors, and molecular processes are highly conserved across vertebrates, studies with other animal species could be representative for more-complex animals like humans. In particular, gene programming and development in the early life stages of all vertebrates are highly conserved, with significant similarities in the morphology of all vertebrate embryos. Usually these models, such as rodents, chicken or frogs are expensive, time consuming and more restricted by law (Hill, 2005).

Zebrafish (*Danio rerio*) (Figure 10) appears as an alternative vertebrate model to test toxicity. The main benefits of using zebrafish as a toxicological model over other vertebrate species are the small size, high husbandry and rapid development. Unlike other fish species such as trout, zebrafish are rather small reducing housing space and husbandry costs and, consequently, reducing the quantity of dosing solutions (Eimon and Ashkenazi, 2009).

Zebrafish is a freshwater teleost fish that emerged in the last twenty years as a promissory model organism for biological research, predominantly in development biology, molecular genetics, neurobiology and toxicology (Hill, 2005). They are omnivorous fish that primarily feed on plankton, as well as insects, in the wild. In the aquarium, zebrafish are usually fed various types of dry food. The zebrafish start to feed at around 5 days post-fertilization and until that time, their sole source of energy is the maternally derived yolk (Hölttä-Vuori et al., 2010).



Figure 10 - Adult zebrafish

www.zfin.org (25-10-2011)

As a vertebrate, it resembles mammals in its development and metabolic processes, but presents advantages as a study model. It has a high fertility rate (large number of offspring - 200 to 300 eggs a day), short life cycle (reach sexual maturity in four months) and small size (larvae have 1-4 mm long and adults 3 cm long) (Hill, 2005). Also, embryos are fertilized externally, undergo rapid and synchronous development, are optically transparent and most organs become functional between 3 and 5 days post fertilization enabling non-intrusive visualization of organs and biological processes with high resolution (Scholz et al., 2008). Another advantage is the fact that zebrafish development is well characterized and embryological development can be continually followed due to embryo transparency (Kimmel et al., 1995). In addition, zebrafish are sensitive to chemical exposure during early development. Also, zebrafish embryos that are malformed or display organ dysfunction can survive allowing their observation and relationship with chemical exposure (Selderslaghs et al., 2009).

Administration of drugs in zebrafish larvae is simple, because they absorb small molecules diluted in the surrounding water through their skin and gills (McGrath and Li, 2008). Because of that, it is possible to generate high-throughput screens for toxicity testing, small-molecule and drug screening in which zebrafish grow and develop in small screening plates. From the egg stage, zebrafish embryos can survive for several days in a single well of a screening plate through the absorption of the nutrients in the yolk (Hill, 2005).

These characteristics make the zebrafish an attractive candidate for screening toxicants. In addition to all the described advantages, the zebrafish is also listed as a recommended test species in the “Fish, Early-life Stage Toxicity Test” (OECD Test Guideline TG 210) and the “Fish, Short-term Toxicity Test on Embryo and Sac-fry Stages” (OECD Test Guideline TG 212) for the determination of lethal and sub-lethal effects of chemicals (Selderslaghs et al., 2009).

1.9. AIMS

Amino acids are the building blocks of proteins and are crucial for proper development. However, in excess these compounds can cause toxicity and be deleterious. The aim of this study was to assess the effect of canonical amino acid nutritional imbalances during zebrafish development and try to elucidate the underlying mechanisms of amino acid toxicity.

2. MATERIALS AND METHODS

2.1. AMINO ACID ASSAY ON ZEBRAFISH EMBRYOS

2.1.1. ZEBRAFISH MAINTENANCE

A breeding stock of wild type zebrafish (AB strain) aged between 4 and 12 months was used for egg production. The fish were free from externally visible diseases and not treated with any pharmaceutical treatment. Males and females were kept in aquaria with a loading capacity of 3.5L, at 28°C on a 14/10 h light/dark cycle in a close flow-through system (include a set of biological, mechanical and carbon filters). System water sterilization was assured by UV light. Animal husbandry followed the Portuguese law for animal experiments.

2.1.2. EGG COLLECTION

In the day before the test, males and females in a ratio of 1:1 were housed separately in breeding chambers. The breeding chambers contained green marbles serving as spawning substrate and preventing adult zebrafish from egg predation. About 30 minutes after the onset of light, the males and females were put together in the breeding chambers for 30-60 minutes (a single mature female can spawn about 50-80 eggs per day). Eggs were collected and washed in “embryo wash water” (0.1 ml of 5% sodium hypochlorite in 170 ml of system water) for 1-2 minutes and transferred to petri dishes containing different amino acid concentrations diluted in system water. Only fertilized eggs were used and were identified by the development of a blastula in a dissecting microscope. Unfertilized eggs not undergoing cleavage or eggs showing obvious irregularities during cleavage or injuries of the chorion were discarded. Fertilized eggs during the cleavage stages were incubated at 28°C until 4hpf (sphere phase). Then, the embryos at sphere phase were examined and those that developed normally were selected and twenty embryos were transferred to a 24-well multi-plate with the corresponding amino acid concentration.

2.1.3. AMINO ACID SOLUTIONS

Amino acid working solutions were prepared by dilution of stock solutions. The stock solutions were prepared fresh by diluting the respective amino acid (Formedium) in system water. The solutions were autoclaved and stored at room temperature in the dark until use. The pH of all solutions was checked and adjusted to 6.8-8.0 when necessary by adding HCl or NaOH.

The tests were carried out in 24-well plates at different concentrations (25 mM, 50 mM, 75 mM and 100 mM) for the 20 canonical amino acids always comparing with a control (exposed to system water only). These concentrations were chosen based on previous studies (Casida, 1955) and due to the fact, that, at these concentrations, all amino acids were soluble in water. Twenty embryos were used for each plate, one for each well with 2 ml of the amino acid solution or system water (control). Four biological replicates of each concentration were performed. The test was carried out until 120 hpf at 28°C. Test solutions (system water or amino acid solutions) were changed every day.

To avoid bacterial contaminations (due to the richness amino acid solutions), 10 µg/ml of ciprofloxacin (SIGMA) were added to all solutions and also changed every day. This concentration is non-toxic for zebrafish (Halling-Sorensen et al., 2000) and does not react with the amino acids.

2.1.4. EMBRYO OBSERVATION

Embryos were evaluated at different time points (24, 48, 72, 96 and 120 hours post fertilization) and compared with the control. Several phenotypic abnormalities (Table 1) were considered according to (Lammer et al., 2009).

Table 1 - Lethal and sub lethal endpoints during zebrafish development

Adapted from (Lammer et al., 2009).

**indicates the time when it is possible to observe the corresponding phenotypic abnormality*

	24 hpf	48 hpf	72 hpf	96 hpf	120 hpf
Mortality	*	*	*	*	*
Malformations	*	*	*	*	*
Growth retardation	*	*	*	*	*
Edema formation		*	*	*	*
Lack of pigmentation		*	*	*	*
Hatching			*	*	*
Skeletal deformations			*	*	*

The percentage of malformations, edemas, growth retardation, lack of pigmentation, skeletal deformities and hatching rate were calculated considering the number of embryos that were alive in each stage assessed. The percentage of mortality was calculated as the ratio of dead embryos over the total number of embryos (20).

2.1.5. STATISTICAL ANALYSIS

The resulting data and their statistical treatment were analyzed in Graphpad Prism 5 to create concentration-response (mean \pm SD) curves/bars for each endpoint by one-way analysis of variance (ANOVA) comparing with control (Dunnnett test). Differences were considered to be statistically significant when $p < 0.05$ (* = $p < 0.05$; ** = $p < 0.01$; *** = $p < 0.001$).

2.2. EMBRYO SKELETAL EVALUATION OF DEFORMITIES

2.2.1. SAMPLE COLLECTION AND FIXATION

Random samples of 20 specimens (per amino acid concentration) were collected in eppendorfs and anaesthetized on ice to arrest embryo movement. Water from the eppendorfs was removed and the samples were fixed with 4% paraformaldehyde (dissolved in PBS) overnight, at 4°C in the dark. The fixative was removed by washing the samples 4 times for 5 minutes with Phosphate Buffer Saline 0.1 M, pH 7.4 (PBS). Then, the PBS was removed and the samples were stored in 70% ethanol at 4°C in the dark until use.

2.2.2. CARTILAGE STAINING

This step was performed at CCMAR from Algarve University.

To stain the cartilage, the embryos were transferred to Alcian blue solution, between 10 and 30 minutes (only enough time to the stain penetrate the tissues). Immediately after staining, embryos were quickly rinsed in absolute ethanol and incubated in ethanol neutralizing solution (ethanol 100% with 0.01% KOH) for 10 minutes. Then, the embryos were incubated in a bath of 2% KOH, for a few hours, at room temperature, to clear the tissues. To preserve the embryos, they were incubated through a series of KOH – glycerol baths (25%, 50%, 75 % of glycerol), to absolute glycerol, where they were preserved. A few crystals of phenol were added to prevent fungi or bacterial growth (Gavaia et al., 2000).

2.3. PROTEIN UBIQUITINATION ANALYSIS

2.3.1. PROTEIN EXTRACTION

Random samples of 20 embryos (per amino acid concentration) were collected in eppendorfs. To remove the chorion from the embryos, 30 μ l of pronase were added to each eppendorf. The embryos were washed twice with system water and 500 μ l of Fish Ringer solution without calcium 1:2 were added to remove the yolk of the embryos. To help the removal of the yolk, the samples were resuspended and incubated for 5 minutes at 1100 rpm in the thermomixer at 23°C. Samples were centrifuged for 1 minute at 13000 rpm, the supernatant removed and 500 μ l of protein wash solution pH 8.5 (110 mM NaCl; 3.5 mM KCl; 2.7 mM CaCl₂·2H₂O; 10 mM Tris/Cl) were added. The samples were incubated for 2 minutes at 1100 rpm in the thermomixer at 23°C and again, centrifuged for 1 minute at 13000 rpm, the supernatant removed and 500 μ l of protein wash solution were added. In the end, the samples were centrifuged for 1 minute at 13000 rpm, the supernatant removed and the embryos stored at -80°C.

2.3.2. WESTERN BLOT

Forty μ l of 1x SDS buffer were added to the embryos extracts, followed by denaturation at 95°C for 5 minutes. Samples were quantified in Nanodrop system and were loaded onto 12% PAA protein gel and electrophoresed in SDS 1x running buffer at 120V. Proteins were transferred 4h at 4°C to nitrocellulose Hybond-P membranes (GE Healthcare). Briefly, nitrocellulose Hybond-P membranes placed with the 12% PAA protein gel, six filters and the cushions in a Bio-Rad wet transferring system and run at 100 mA, 4 hours at 4°C in transfer buffer (25mM Tris base, 192mM glycine, 12% methanol). Then, the membranes were blocked for 1 hour with 5% non-fat dry milk in TBS-T (TBS + 0.1 % Tween 20) and incubated 1 hour with anti β -tubulin mouse antibody (1:500) solution in TBS-T at room temperature. Membranes were then washed 4 times with TBS-T, during 5 minutes each, and incubated in the secondary antibody IRDye®800 CW anti-mouse IgG from LI-COR® (1:10000) solution in TBS-T, during 1 hour in the dark. Three washes in TBS, during 10 minutes each were carried out in the

dark and the membrane was scanned using the ODYSSEY Infrared Imaging System (Li-Cor Biosciences). To remove the antibody, the membranes were washed in Glycine pH 2.5 for 30 minutes, in NaCl for 2 minutes and then washed 2 times for 5 minutes each in TBS. The membranes were incubated overnight with anti β -ubiquitin mouse antibody (1:2000) solution in TBS-T at 4°C. Then, membranes were washed 4 times with TBS-T, during 5 minutes each, and incubated in the secondary antibody IRDye®800 CW anti-mouse IgG from LI-COR® (1:10000) solution in TBS-T, during 1.5 hours in the dark. Three washes in TBS, during 10 minutes each were carried out in the dark and the membrane was scanned again using the Odissey® Infrared Imaging System (Li-Cor Biosciences). The antibodies anti β -tubulin mouse antibody and anti β -ubiquitin mouse antibody were purchased from Invitrogen.

3. RESULTS

3.1. PHENOTYPIC EFFECTS OF AMINO ACID EXPOSURE

The 20 canonical amino acids in excess are toxic, although some are more tolerable than others. The principal consequence of the amino toxicity in vertebrate models such as pigs and chickens is growth retardation (Baker, 2004).

In order to verify the toxicity of the 20 canonical amino acids during vertebrate development, zebrafish embryos were exposed to amino acids solutions at different concentrations (25 mM, 50 mM, 75 mM and 100 mM) and observed for mortality, morphological changes and deformities at different time points (24, 48, 72, 96 and 120 hpf) (Figure 31-Annexes). There were two exceptions: L-cysteine and L-tyrosine that could not be tested until 100 mM. L-cysteine is readily oxidized in water forming a covalently linked dimeric amino acid called cystine, in which two cysteine molecules or residues are joined by a disulfide bond (Nelson and Cox, 2004). L-tyrosine is the most insoluble canonical amino acid in water (± 3 mM) which makes it impossible to test for higher concentrations. At the concentrations tested both L-cysteine and L-tyrosine did not show toxicity (Figure 31-Annexes). From the remaining 18 amino acids tested, 7 showed some phenotypic abnormality or mortality in the tested concentrations at least at one time point (table 2).

Table 2 – Presence (*) or absence of several phenotype abnormalities at least in one concentration tested (until 100 mM) at one time point. It wasn't possible to test two amino acids until 100 mM L-cysteine and L-tyrosine, however at the tested concentration, they did not caused any effect.

Group	Amino acid	Mortality	Malformation	Edema formation	Lack of pigmentation	Hatching delay	Growth arrest
Nonpolar	L- alanine						
	L-glycine						
	L-proline						
	L-valine						
	L-leucine						
	L-methionine						
	L-isoleucine						
	L-tyrosine						
	L-phenylalanine			*	*	*	*
	L-tryptophan	*	*	*			
Polar	L-serine						
	L-threonine						
	L-asparagine						
	L-glutamine	*					
	L-cysteine						
Basic	L-histidine						
	L-lysine					*	
	L-arginine	*					
Acidic	L-aspartic acid					*	
	L-glutamic acid					*	

Next, the amino acid toxicity data will be presented according to amino acid classes.

3.1.1. NONPOLAR AMINO ACIDS

Zebrafish embryos were exposed to different concentrations of nonpolar amino acids, namely 25 mM, 50 mM, 75 mM and 100 mM. Only the aromatic amino acids L-tryptophan and L-phenylalanine showed toxicity in zebrafish. The other seven nonpolar amino acids tested (L-methionine, L-glycine, L-alanine, L-proline, L-valine, L-leucine, L-isoleucine) did not show any negative effect on normal development of zebrafish embryos.

L-tryptophan was the most toxic amino acid tested. Because it caused high mortality at low concentrations, zebrafish were exposed as described before (section material e methods) at 1 mM, 5 mM, 10 mM and 15 mM (Figure 11). At 1 mM, L-tryptophan did not cause any effect and at 15 mM all embryos died already at 24 hpf (Figure 11-A). Between these two concentrations, besides mortality, embryos showed edema formation (Figure 11-B) and malformations (Figure 11-C). The embryos presented underdeveloped heads and malformed tails (Figure 12; Figure 32-Annexes).

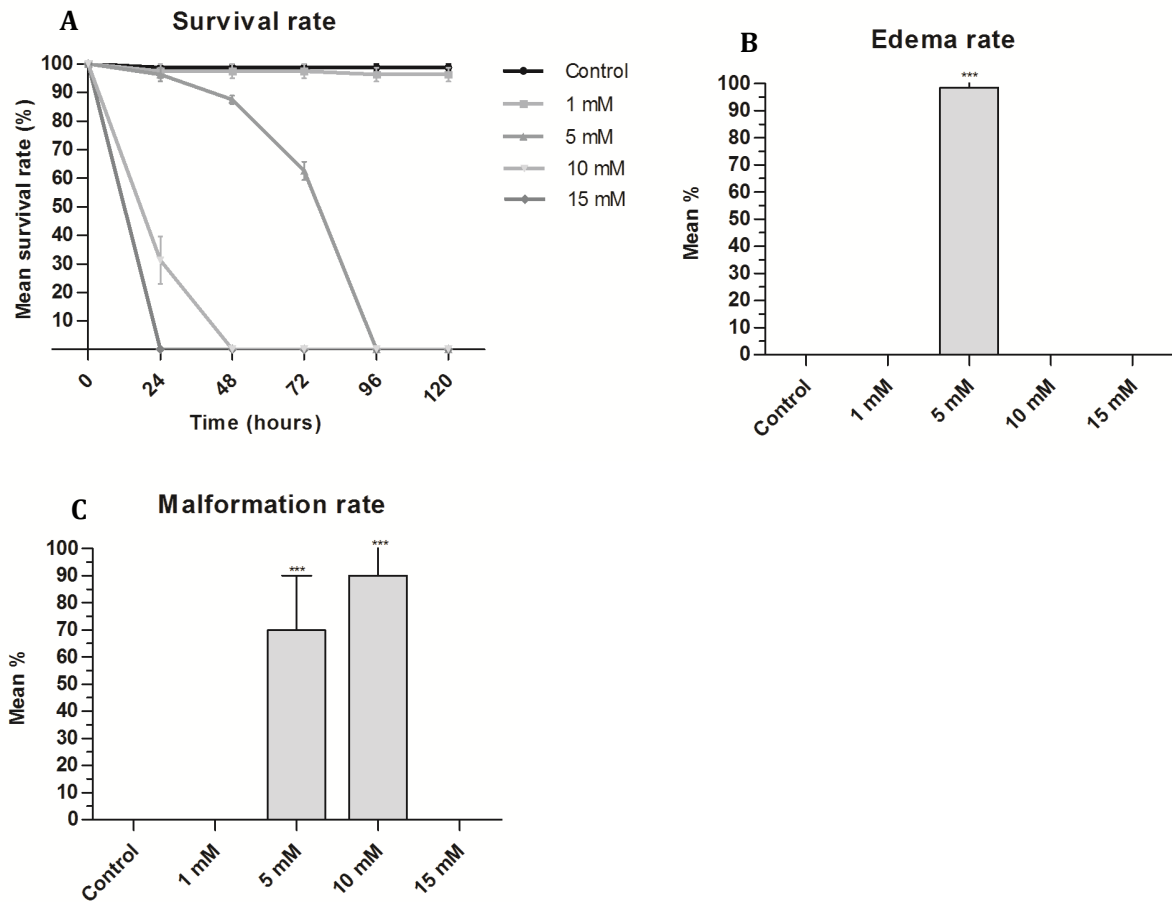


Figure 11 - Effects of L-tryptophan on survival, edema formation and malformation rate. Zebrafish embryos were exposed to different L-tryptophan concentrations (between 1 mM and 15 mM) until 120 hpf and compared with the control. Mortality was recorded every 24 hours until 120 hpf. Hatching and edema formation were recorded at 48 hpf and malformation rate was recorded at 24 hpf. **A)** Survival rate after L-tryptophan treatment. There was a decrease in survival with increasing concentrations. 15mM showed to be lethal to all embryos at 24 hpf, 10 mM at 48 hpf and 5 mM at 96 hpf. **B)** Edema formation rate after L-tryptophan treatment at 48 hpf. All embryos developed edema at 5 mM (** $p < 0.001$). **C)** Malformation rate after L-tryptophan treatment at 24 hpf. Malformed embryos appeared at 5 mM (70 %) and 10 mM (90 %) (** $p < 0.001$ in both cases).

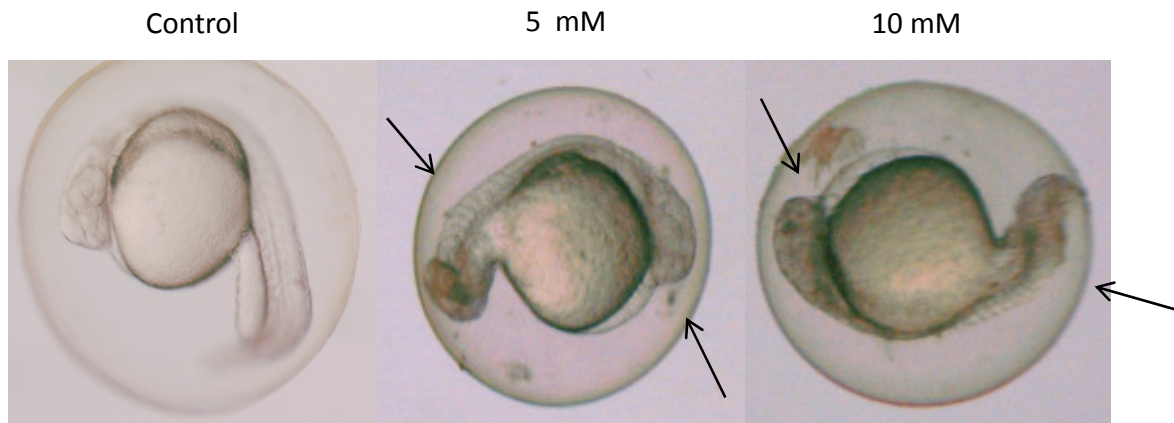


Figure 12 - Embryos exposed to L-tryptophan. Lateral view of 24 hpf control embryos and embryos exposed to 5mM and 10 mM of L-tryptophan. Photos were taken with a Nikon camera attached to a Leica magnifier (pictures are not related in size). It is possible to see the differences between affected embryos and control. The affected embryos developed malformations in tail and exhibited smaller heads (indicated by arrows).

The other toxic nonpolar amino acid was L-phenylalanine. Embryos were exposed to 10 mM, 25 mM, 50 mM, 75 mM and 100 mM. It caused mortality (Figure 13-A), hatching delay (Figure 13-B), edema formation (Figure 13-C) and general growth retardation (Figure 13-D). Also, some embryos developed reduced pigmentation or no pigmentation at all (Figure 14-B, C, D) when comparing with the control (Figure 14-A).

Mortality was maximal in embryos exposed to 100 mM at 120 hpf. Embryos exposed to 25 mM, 50 mM and 75 mM showed similar effects such as hatching delay, edema formation and reduced pigmentation. Only at 100 mM there was growth retardation with all embryos affected (figure 14-E). Although embryos exposed to L-tryptophan were underdeveloped, in embryos exposed to 100 mM of L-phenylalanine the growth retardation was more evident.

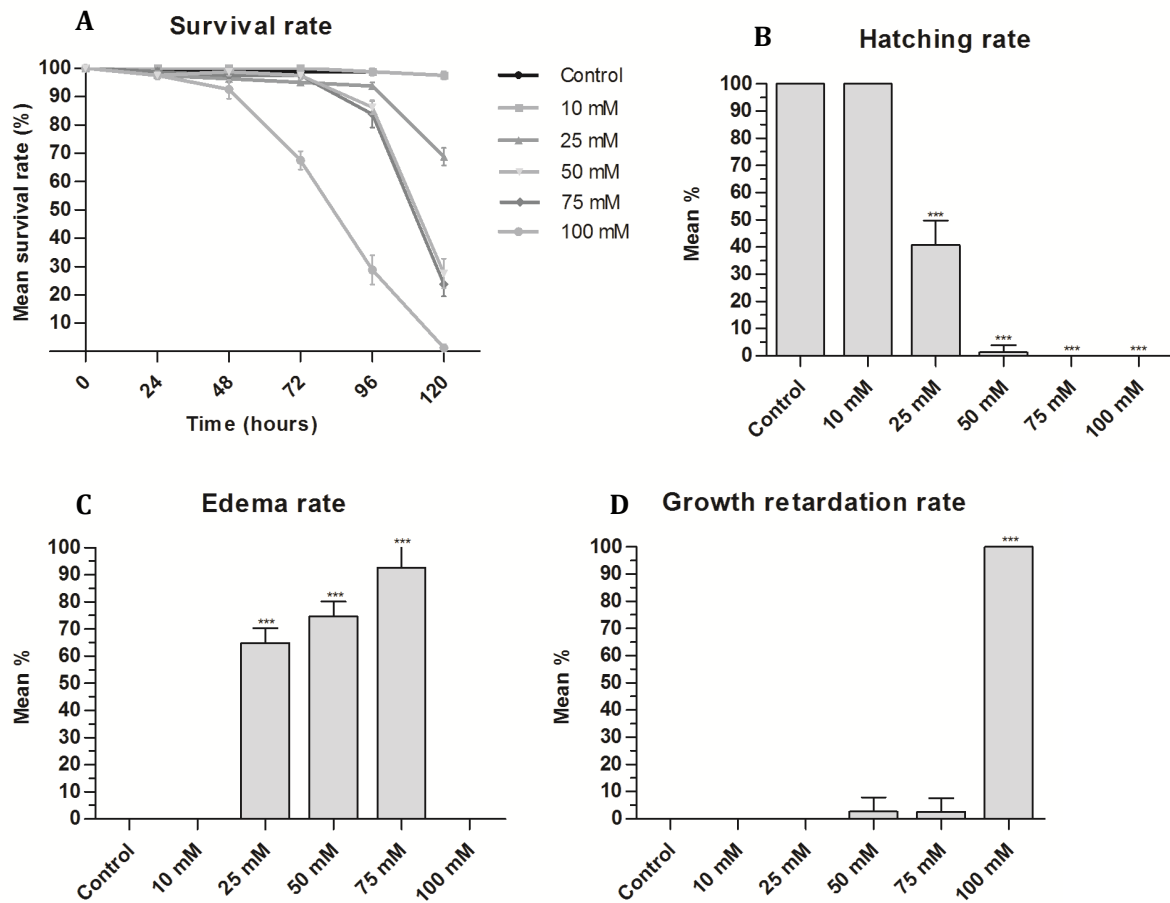


Figure 13 - Effects of L-phenylalanine on survival, hatching, growth rate and edema formation. Zebrafish embryos were exposed to different concentrations (10mM, 25 mM, 50 mM, 75 mM and 100 mM) until 120 hpf and compared with the control. Mortality was recorded every 24 hours until 120 hpf. Hatching rate was recorded at 72 hpf, edema rate at 48 hpf and growth retardation rate at 24 hpf. **A)** Survival rate after L-phenylalanine treatment. 100 mM showed to be lethal to all embryos at 120 hpf and at his time point. **B)** Hatching rate after L-phenylalanine treatment. All embryos didn't hatch between 50 mM and 100 mM (** $p < 0.001$ in the three cases) and only 40 % of the embryos hatched (** $p < 0.001$) when exposed to 25 mM. **C)** Edema formation rate after L-phenylalanine treatment at 48 hpf. Embryos developed edema at 25 mM, 50 mM and 75 mM (** $p < 0.001$ in the three cases). **D)** Growth retardation rate after L-Phenylalanine treatment at 24 hpf. These embryos were affected only at 100 mM with total incidence (** $p < 0.001$).

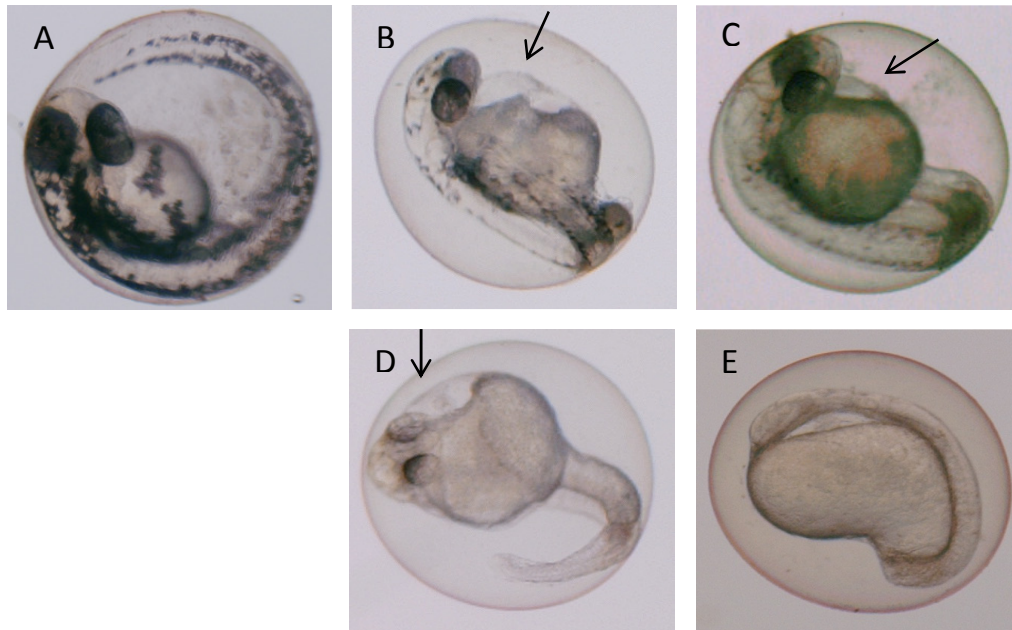


Figure 14- Embryos exposed to L-phenylalanine. Lateral view of 48 hpf embryos exposed to different concentrations (A-Control, B-25 mM, C-50 mM, D-75 mM and E-100 mM). Photos were taken with a Nikon camera attached to a Leica magnifier. It is possible to see the difference between embryos exposed to 100 mM and control in development. The affected embryos didn't developed tail, a differentiated head or pigmentation. Embryos exposed to 25 mM, 50 mM and 75 mM showed similar phenotypic abnormalities like edema formation (indicated by the arrows) and reduced/absence of pigmentation.

3.1.2. POLAR AMINO ACIDS

Of the four polar amino acids tested (L-serine, L-threonine, L-asparagine, L-glutamine) at the tested concentrations, only L-glutamine appeared to be toxic. This amino acid caused high mortality at low concentrations, so, it was tested at 5 mM, 10 mM, 20 mM and 30 mM (Figure 15). No other phenotypic abnormality was observed.

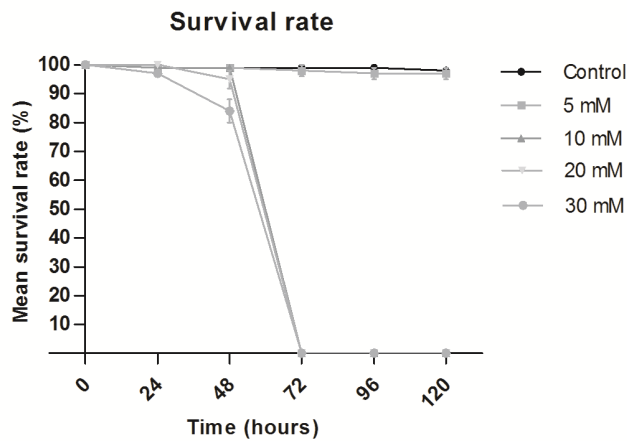


Figure 15 - Survival rate after L-glutamine treatment. Zebrafish embryos were exposed to different concentrations (5mM, 10 mM, 20 mM and 30 mM) until 120 hpf, compared with the control. Mortality was recorded every 24 hours until 120 hpf. Mortality was maximal for 72 hpf embryos exposed to 10 mM of L-glutamine.

3.1.3. BASIC AND ACIDIC AMINO ACIDS

Besides L-histidine, no other amino acid belonging to one of these two groups is related to high toxicity, although L-aspartic acid, L-glutamic acid, L-lysine and L-arginine show relative toxicity in chicken (Smith, 1968) and rat (Sauberlich, 1961). However, in our study, the reverse happened. At the tested concentrations, L-histidine was not toxic and the other four showed some toxicity. L-Arginine was the most toxic one, causing mortality (Figure 16) and no other effect. Interestingly, the other three amino acids showed similar effects between them. Embryos exposed to L-lysine, L-aspartic acid and L-glutamic acid showed hatching delay (Figure 33-Annexes). L-lysine was the most toxic one, exhibiting hatching delay from 50 mM to 100 mM at 72hpf (Figure 17-A) followed by L-aspartic acid, with only 50 % of the embryos getting out of the chorion at 50 mM at 72 hpf (figure 17-B). L- glutamic acid was the less toxic of these three, with half of the embryos hatching only at 100 mM at 72 hpf (Figure 17-C).

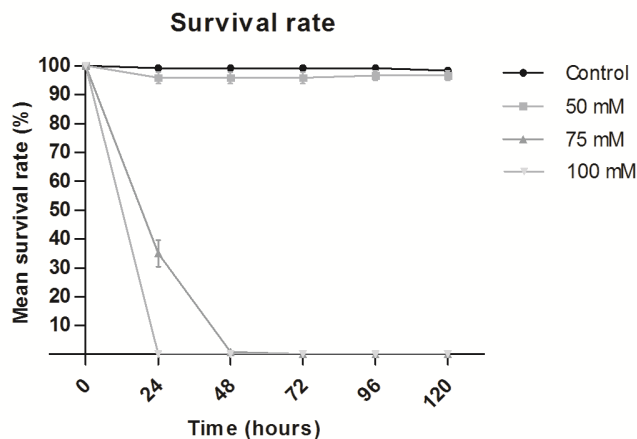


Figure 16 - Survival rate after L-arginine treatment. Zebrafish embryos were exposed to different concentrations (50 mM, 75 mM and 100 mM) until 120 hpf, compared with the control. Mortality was recorded every 24 hours until 120 hpf. At 50 mM there was no mortality, however at 75 mM all 48 hpf embryos died, and mortality was maximal in 100 mM exposed embryos.

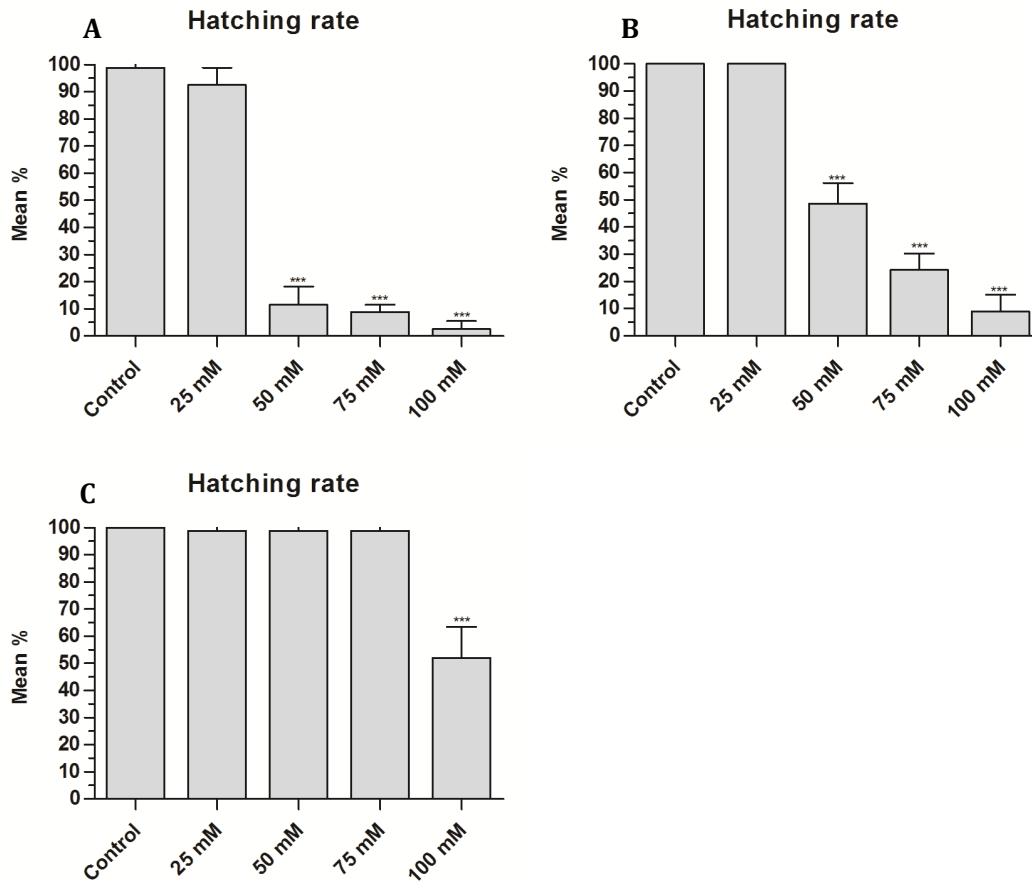


Figure 17 - Effects of L-lysine, L-aspartic acid and L-glutamic acid on hatching rate. Zebrafish embryos were exposed to different amino acids concentrations until 120 hpf. Hatching rate was recorded at 72 hpf. **A)** Hatching rate after L-lysine treatment at different concentrations (25 mM, 50 mM, 75 mM and 100 mM). Hatching rate decreased with L-lysine concentrations. At 50, 75 mM and 100 mM, less than 15% of the embryos hatched ($***p<0.001$) **B)** Hatching rate after L-aspartic acid treatment at different concentrations (25 mM, 50 mM, 75 mM and 100 mM). Hatching rate decreased with L-aspartic acid concentrations and at 100 mM the effect was maximal with almost all embryos inside the chorion ($***p<0.001$). **C)** Hatching rate after L-glutamic treatment at different concentrations (25 mM, 50 mM, 75 mM and 100 mM). Only at 100 mM there was an effect, with 50 % of the embryos outside the chorion ($***p<0.001$).

3.1.4. SMALL AMINO ACIDS, A DIFFERENT APPROACH

Some amino acid classifications consider small amino acids as a group despite of their properties. This group is formed by the five amino acids with lower molecular weight, and includes glycine, alanine, serine, proline and valine (Nelson and Cox, 2004).

As stated before, small amino acids are most likely wrongly incorporated by the aaRSs. This can happen because the synthetic site only accepts amino acids that can fit and can establish sufficient interactions (Reynolds et al., 2010). This fact was demonstrated by Lee and colleagues (Lee et al., 2006). They tested the effect of excessive amounts of amino acids in mouse neurons with alanyl-tRNA synthetase with a mutation in the editing site (and consequently loss of the editing site). The result was that, serine was mischarged by tRNAs and incorporated during translation. Even with the editing site, amino acids can be mischarged by tRNA, as happens with threonyl-tRNA synthetase that mischarged serine with a low error (Cochella and Green, 2005). Another example are the analogue amino acids, which are mischarged in tRNAs in high levels and can escape the editing site (Hendrickson et al., 2004).

With this idea in mind, and since the small amino acids (L-alanine, L-glycine, L-proline, L-serine and L-valine) did not show a significant toxicity even at 100 mM, we decided to increase their concentrations to verify if they were toxic in higher concentrations. Also, we wanted to verify if high concentrations increased the chance of small amino acids to be mischarged and incorporated during translation.

Embryos were exposed to the small amino acids at 250 mM, 300 mM, 350 mM, 400 mM, 450 mM and 500 mM. These concentrations were chosen since there was no effect at 250 mM and the toxicity was maximal at 500 mM on zebrafish embryos. Interestingly all the five amino acids had similar effects on similar concentrations (Table 3).

Table 3- Presence (*) or absence of several phenotype abnormalities at least in one concentration tested (until 500 mM) of the small amino acids at one time point.

Amino acid	Mortality	Malformation	Edema formation	Lack of pigmentation	Hatching delay	Growth arrest
L- alanine	*	*			*	
L-glycine	*	*			*	
L-proline	*	*			*	
L-valine	*	*			*	
L-serine	*	*			*	

Mortality was almost total or total in 24 hpf embryos exposed to 500 mM, while in embryos exposed to 350 mM, mortality was minimal (Figure 18-A; Figure 20-A; Figure 22-A; Figure 24-A; Figure 26-A). Also, all small amino acids tested caused hatching delay especially between 350 mM and 450 mM (Figure 18-B; Figure 20-B; Figure 22-B; Figure 24-B; Figure 26-B). The embryos were underdeveloped with malformations, namely altered tail and/or head and sometimes alterations were observed in the eyes (Figure 18-C; Figure 20-C; Figure 22-C; Figure 24-C; Figure 26-C). This effect was only present above 400 mM and was observed at early stages of development (24 and 48 hpf) (Figure 19-A; Figure 21-A; Figure 23-A; Figure 25-A; Figure 27-A). Also, L-alanine, L-glycine, L-proline, L-serine and L-valine caused skeletal malformations on the embryos (Figure 18-D; Figure 20-D; Figure 22-D; Figure 24-D; Figure 26-D). This effect was only observed at 300 mM and 350 mM. However, at 350 mM the effect was more evident than at 300 mM (Figure 19-B; Figure 21-B; Figure 23-B; Figure 25-B; Figure 27-B).

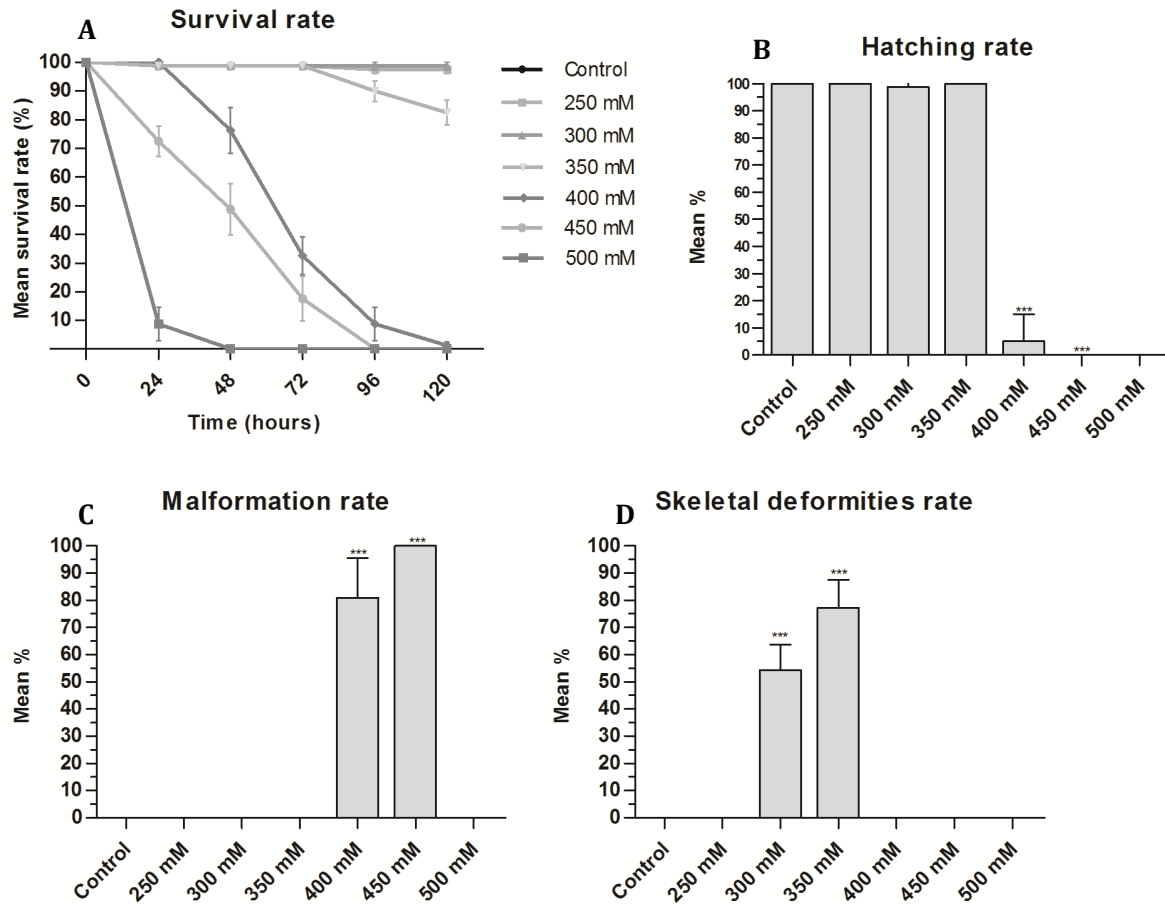


Figure 18 - Effects of L-alanine on survival, hatching and normal development. Zebrafish embryos were exposed to different L-alanine concentrations (between 250 mM and 500 mM) until 120 hpf and compared with the control. Mortality was recorded every 24 hours. Hatching and skeletal deformities rates were recorded at 72 hpf and malformation rate was recorded at 48 hpf. **A)** Survival rate after L-alanine treatment. There was a decrease in survival with increasing L-alanine concentrations. 500 mM was lethal to all embryos at 48 hpf, 450 mM at 96 hpf and 400 mM at 120 hpf. 250 mM, 300 mM and 350 mM showed none or little effect on survival rate. **B)** Hatching rate after L-alanine treatment. Almost all embryos did not hatch at 400 mM and 450 mM (***p*<0,001 in both cases) with no effect on other concentrations. **C)** Malformation rate after L-alanine treatment at 48 hpf. Malformed embryos only appeared at concentrations above 400 mM with total incidence at 48 hpf (***p*<0.001 in both cases). **D)** Skeletal deformities rate after L-alanine treatment at 72 hpf. Deformed embryos only appeared at 300 mM and 350 mM, with an incidence of 55 % and 80 % respectively (***p*<0.001 in both cases).

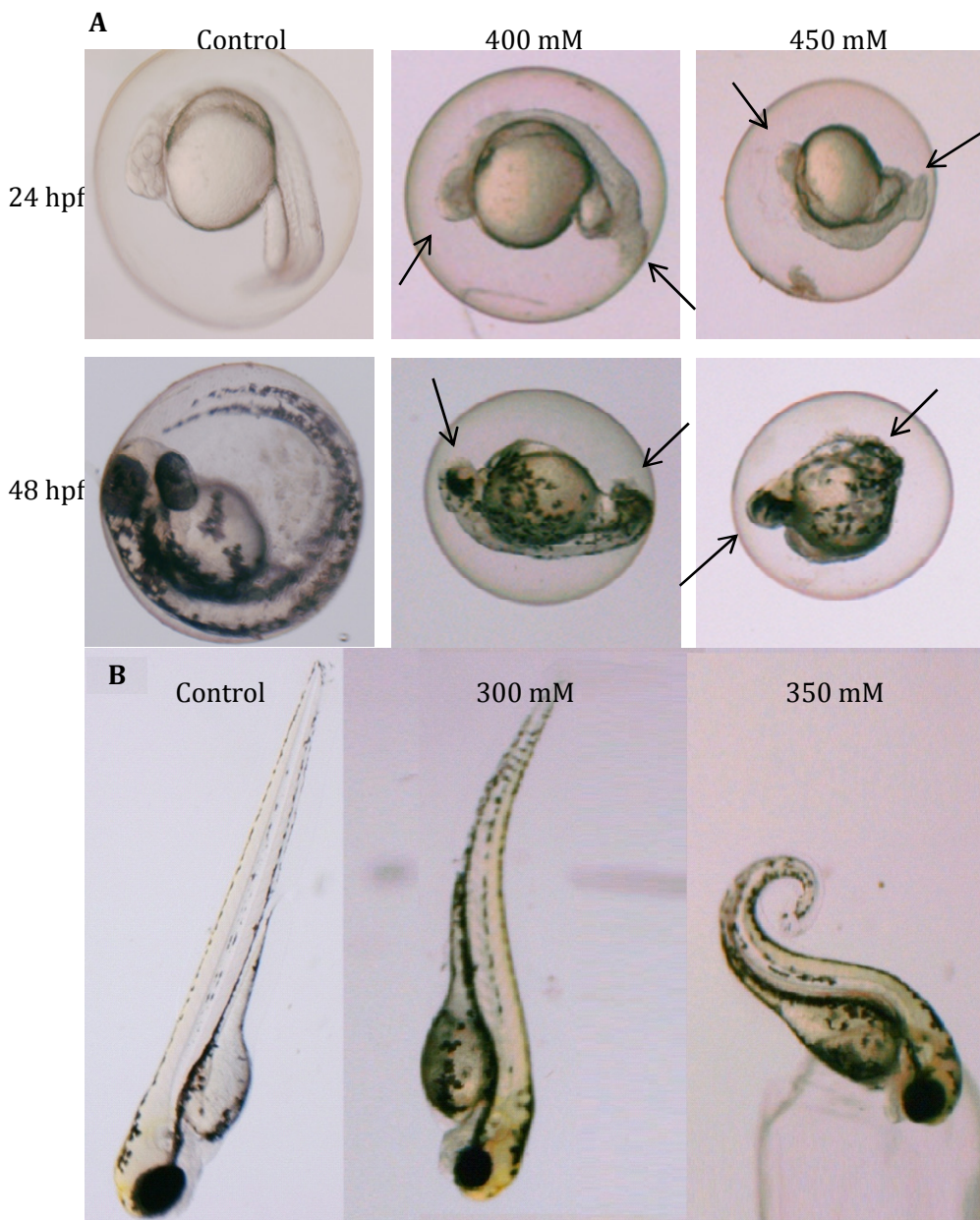


Figure 19 - Embryos exposed to L-alanine show increased incidence of malformations. A) Lateral view of 24hpf and 48hpf embryos exposed to 400 mM, 450 mM and the control. Photos were taken with a Nikon camera attached to a Leica magnifier (pictures are not related in size). It is possible to see the difference between the affected embryos and the control (smaller heads, smaller tails and underdeveloped eyes) indicated by the arrows. **B)** 72hpf embryos exposed to 300 mM and 350 mM L-alanine and the control. These embryos showed skeletal deformities, with little impact on 300 mM exposed embryos but with higher impact on 350 mM exposed embryos.

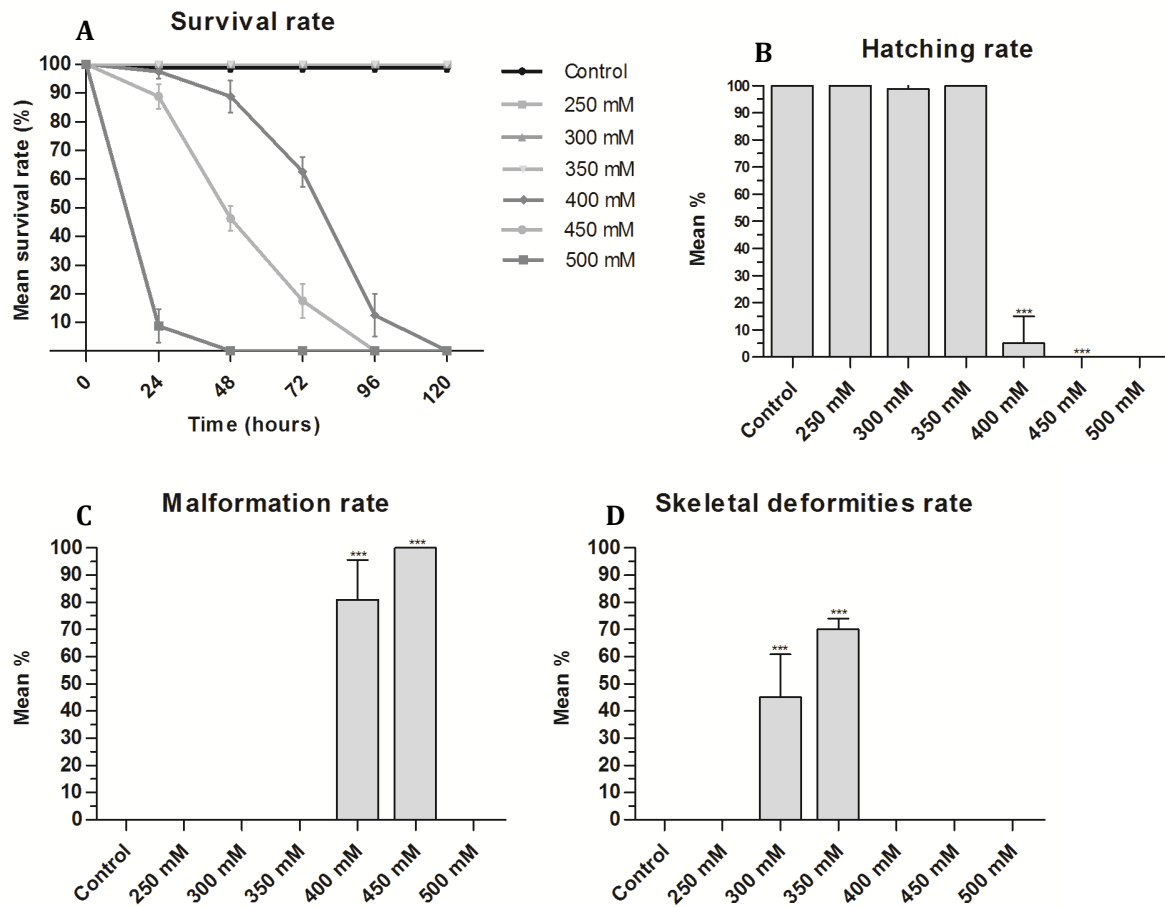


Figure 20 - Effects of L-glycine on survival, hatching and normal development. Zebrafish embryos were exposed to different L-glycine concentrations (between 250 mM and 500 mM) until 120 hpf and compared with the control. Mortality was recorded every 24 hours until 120 hpf. Hatching and skeletal deformities rates were recorded at 72 hpf and malformation rate at 48 hpf. **A)** Survival rate after L-glycine treatment. There was a decrease in survival with increasing L-glycine concentrations. 500 mM showed to be lethal to all embryos at 48 hpf, 450 mM at 96 hpf and 400 mM at 120 hpf. 250 mM, 300 mM and 350 mM showed no effect on survival rate (similar to control). **B)** Hatching rate after L-glycine treatment. Between 300 mM and 450 mM there was a decrease in hatching rate. **C)** Malformation rate after L-glycine treatment at 48 hpf. Malformed embryos only appeared at concentrations above 400 mM with almost all embryos affected (80 %) at 400 mM and all embryos affected at 450 mM (***p*<0.001 in both cases). **D)** Skeletal deformity rate after L-glycine treatment at 72 hpf. Deformed embryos only appeared at 300 mM and 350 mM, with an incidence of 45 % and 70 % (***p*<0.001 in both cases).

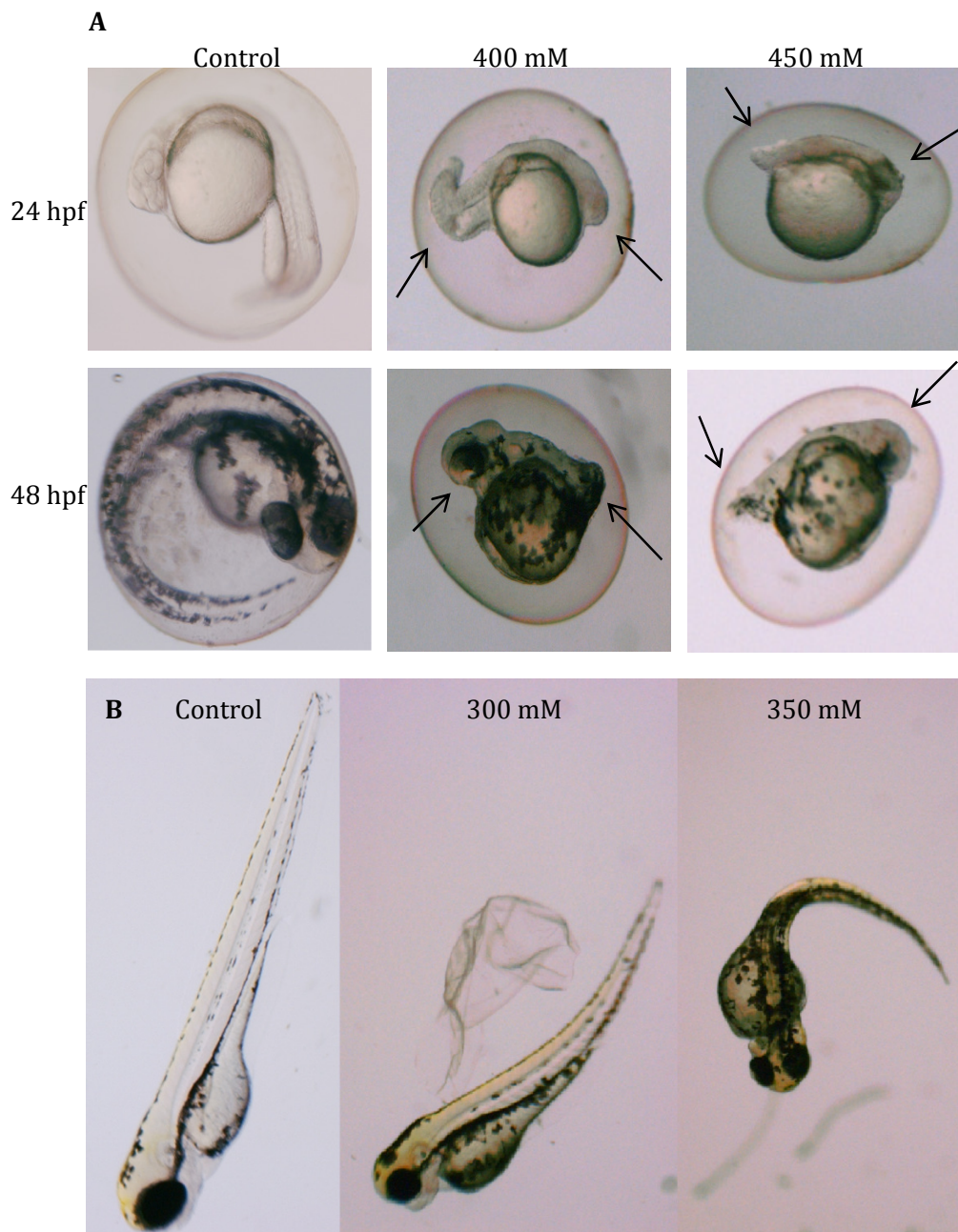


Figure 21 - Embryos exposed to L-glycine show increased incidence of malformations. A) Lateral view of 24 hpf and 48 hpf embryos exposed to 400 mM, 450 mM and the control. Photos were taken with a Nikon camera attached to a Leica magnifier (pictures are not related in size). It is possible to see the difference between the affected embryos and the control (smaller heads, smaller tails and underdeveloped eyes) indicated by the arrows. **B)** 72hpf embryos exposed to 300 mM and 350 mM L-glycine and the control. These embryos showed skeletal deformities, with little impact on 300 mM exposed embryos but with higher impact on 350 mM exposed embryos.

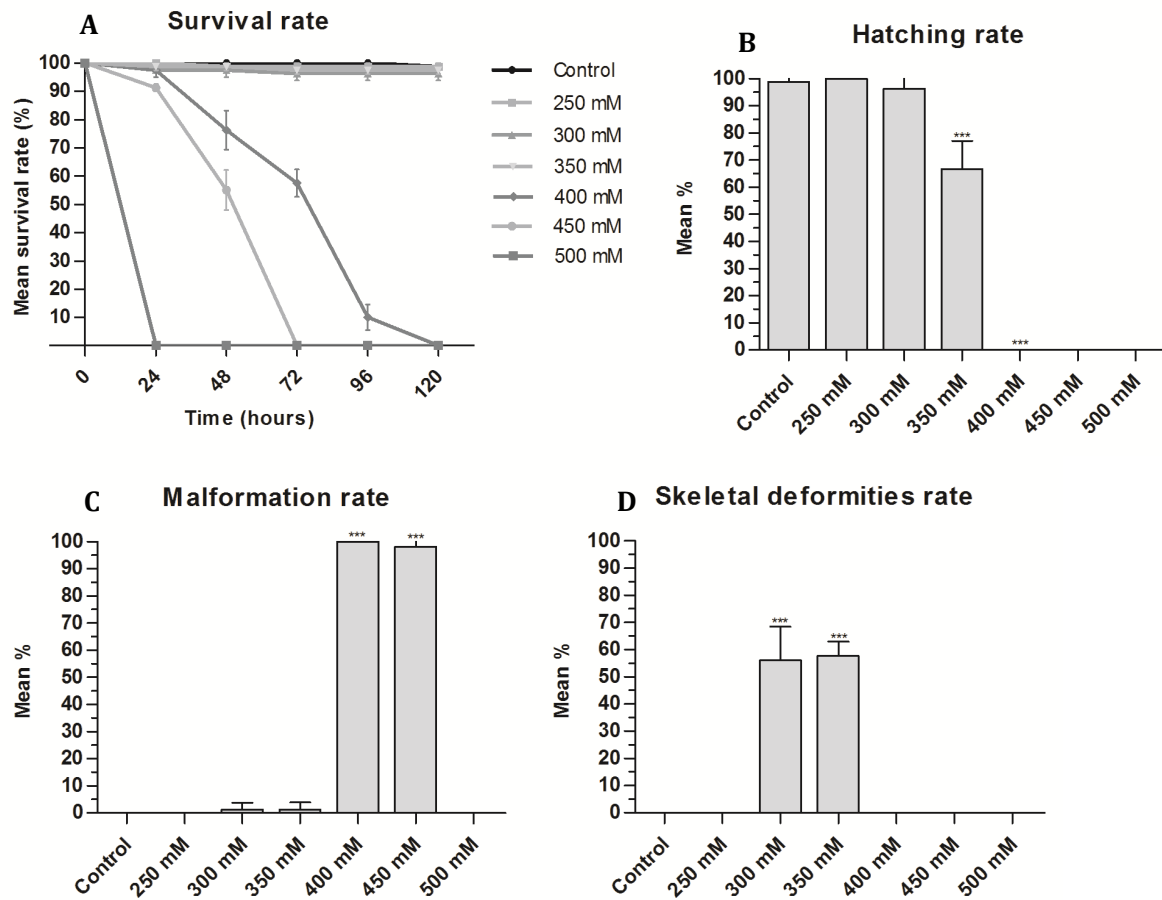


Figure 22 - Effects of L-proline on survival, hatching and normal development. Zebrafish embryos were exposed to different L-proline concentrations (between 250 mM and 500 mM) until 120 hpf and compared with the control. Mortality was recorded every 24 hours. Hatching and skeletal deformity rates were recorded at 72 hpf and malformation rate at 48 hpf. **A)** Survival rate after L-proline treatment. There was a decrease in survival with increasing L-proline concentrations. 500 mM showed to be lethal to all embryos at 48 hpf, 450 mM at 72 hpf and 400 mM at 120 hpf. 250 mM, 300 mM and 350 mM showed none or little effect on survival rate (similar to control). **B)** Hatching rate after L-proline treatment. No embryos hatched at 400 mM and at 350 mM, 65 % hatched (***p*<0.001 in both cases), with no effect on other concentrations. **C)** Malformation rate after L-proline treatment at 48 hpf. Malformed embryos only appeared at concentrations above 400 mM with total incidence at 48 hpf (***p*<0.001 in both cases). **D)** Skeletal deformity rate after L-proline treatment at 72 hpf. Deformed embryos only appeared at 300 mM and 350 mM, with an incidence of 55 % and 60 % (***p*<0.001 in both cases).

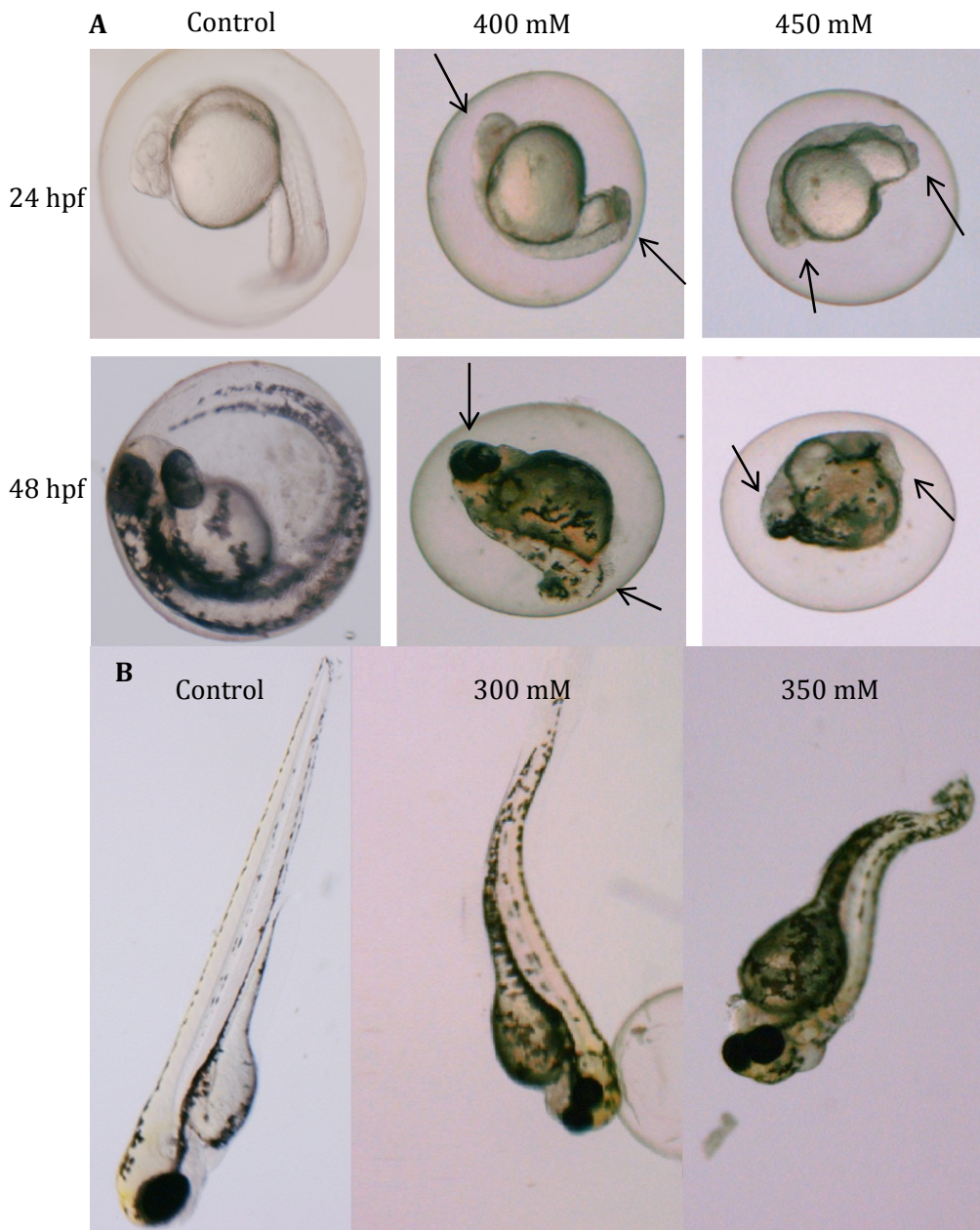


Figure 23 - Embryos exposed to L-proline show increased incidence of malformations. A) Lateral view of 24hpf and 48hpf embryos exposed to different 400 mM and 450 mM and the control. Photos were taken with a Nikon camera attached to a Leica magnifier (pictures are not related in size). It is possible to see the difference between the affected embryos and the control (smaller heads, smaller tails and underdeveloped eyes) indicated by the arrows. **B)** 72hpf embryos exposed to 300 mM and 350 mM L-proline and the control. These embryos showed skeletal deformities on 300 mM and 350 mM exposed embryos.

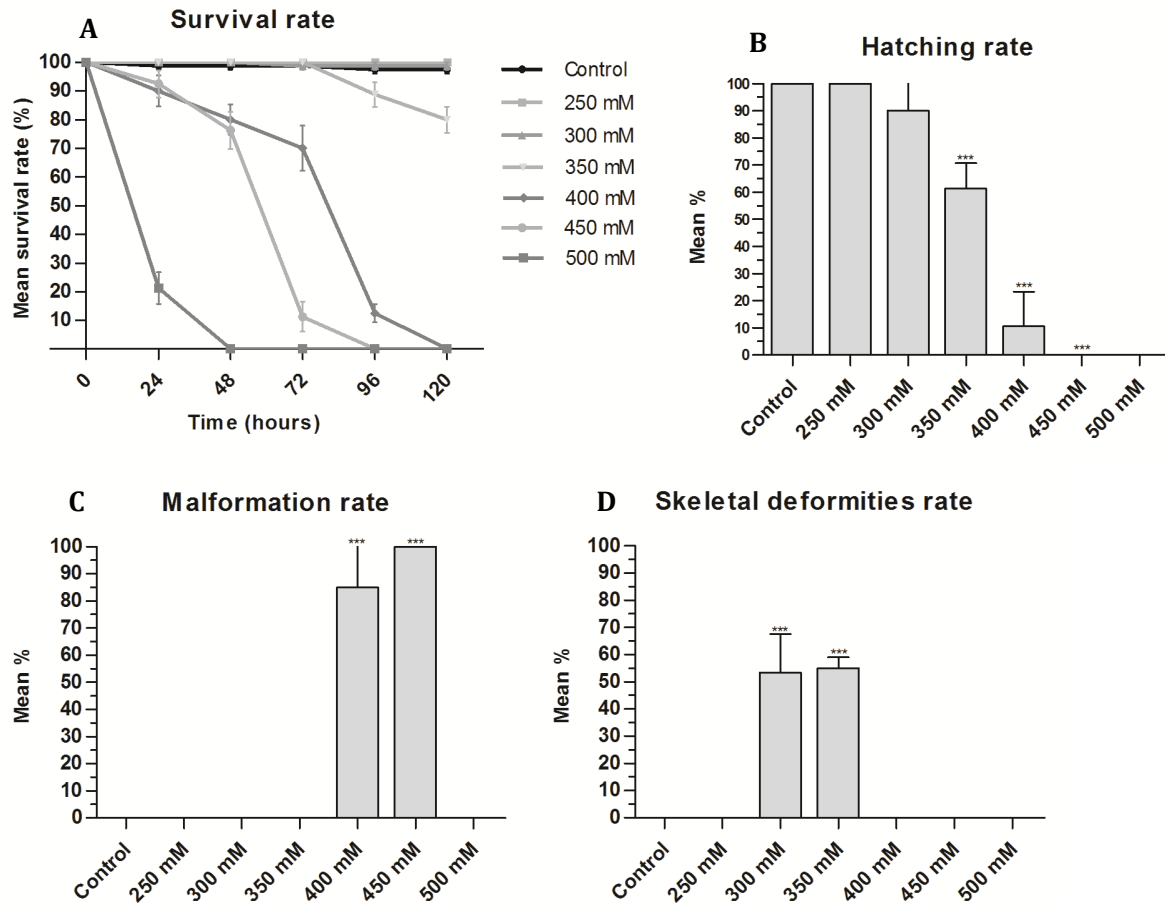


Figure 24 - Effects of L-serine on survival, hatching and normal development. Zebrafish embryos were exposed to different L-serine concentrations (between 250 mM and 500 mM) until 120 hpf and compared with the control. Mortality was recorded every 24 hours. Hatching and skeletal deformity rates were recorded at 72 hpf and malformation rate at 48 hpf. **A)** Survival rate after L-serine treatment. There was a decrease in survival with increasing L-serine concentrations. 500 mM showed to be lethal to all embryos at 48 hpf, 450 mM at 96 hpf and 400 mM at 120 hpf. 250 mM, 300 mM and 350 mM showed none or little effect on survival rate (similar to control). **B)** Hatching rate after L-serine treatment. No embryos hatched at 450 mM and at 400 mM. At 450 mM, only 10 % and 60 % hatched respectively (***p*<0.001 in the three cases). **C)** Malformation rate after L-serine treatment at 48 hpf. Malformed embryos only appeared at concentrations above 400 mM with total incidence for 450 mM and 85 % for 400 mM (***p*<0.001 in both cases). **D)** Skeletal deformity rate after L-serine treatment at 72 hpf. 300 mM and 350 mM caused embryo deformities, with an incidence of 55 % and 60 %, respectively (***p*<0.001 in both cases).

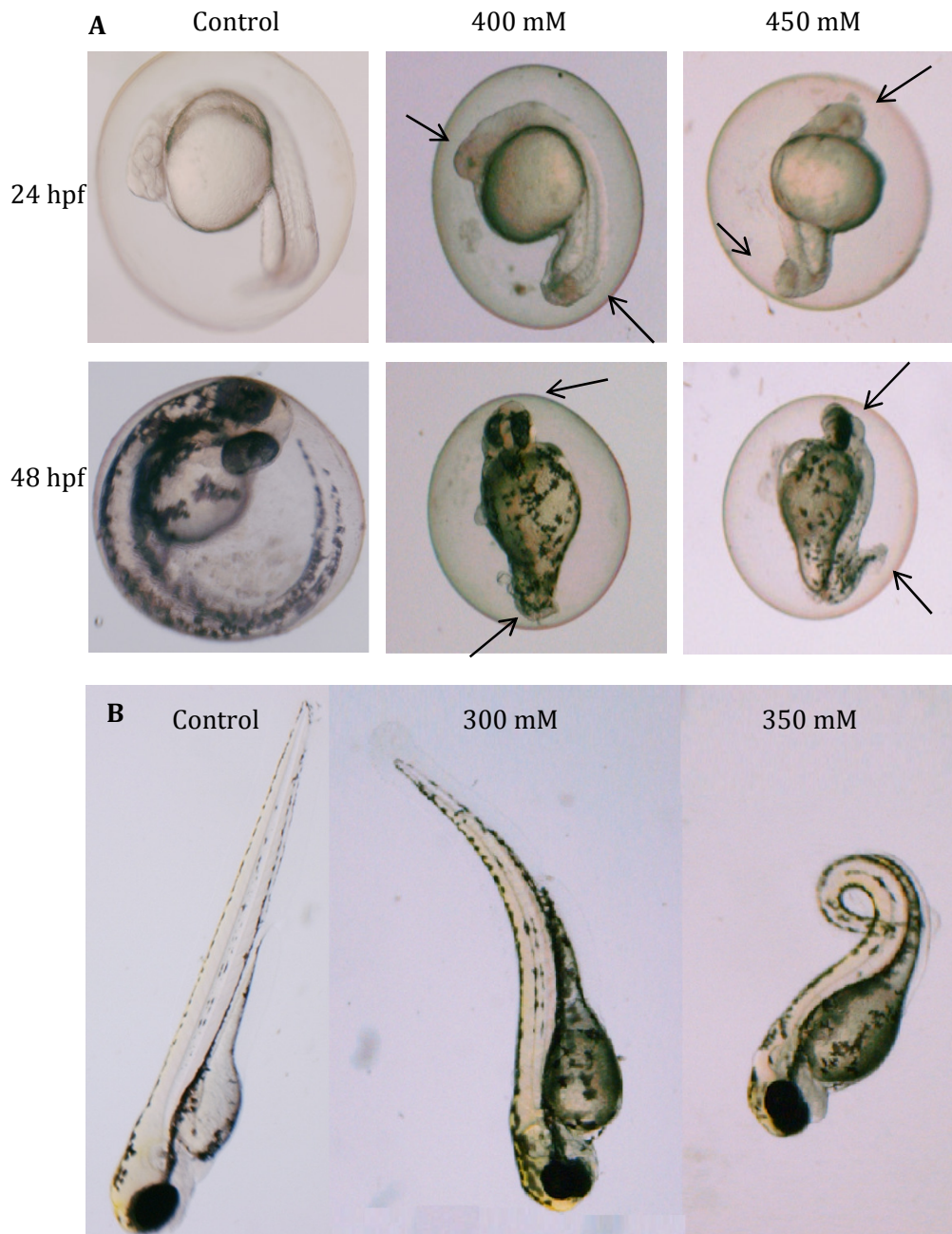


Figure 25 - Embryos exposed to L-serine show increased incidence of malformations. A) Lateral view of 24hpf and 48hpf embryos exposed to different 400 mM and 450 mM and the control. Photos were taken with a Nikon camera attached to a Leica magnifier (pictures are not related in size). It is possible to see the difference between the affected embryos and the control (smaller heads, smaller tails and underdeveloped eyes) indicated by the arrows. **B)** 72hpf embryos exposed to 300 mM and 350 mM of L-serine and the control. These embryos showed skeletal deformities, with little impact on 300 mM embryos but with higher impact on 350 mM exposed embryos.

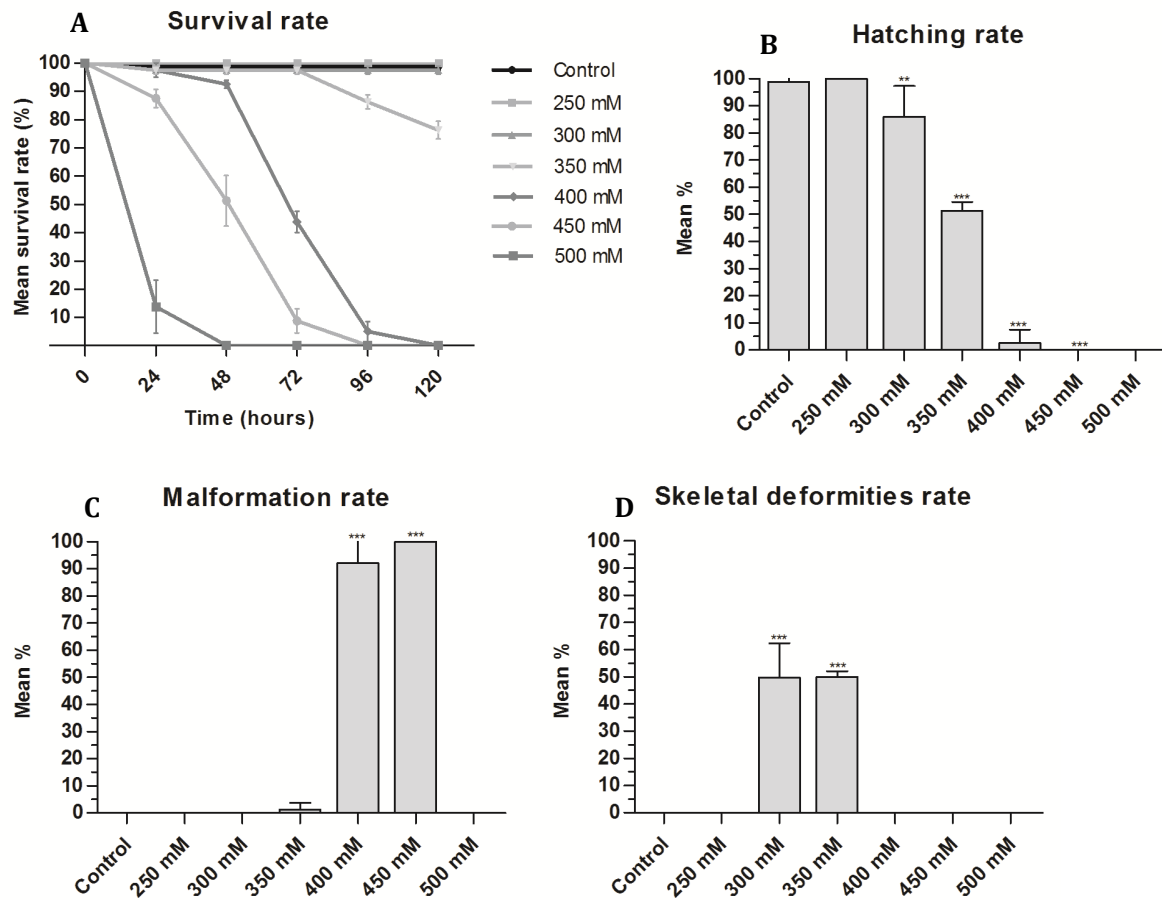


Figure 26 - Effects of L-valine on survival, hatching and normal development. Zebrafish embryos were exposed to different L-valine concentrations (between 250 mM and 500 mM) until 120 hpf and compared with the control. Mortality was recorded every 24 hours. Hatching and skeletal deformity rates were recorded at 72 hpf and malformation rate at 48 hpf. **A)** Survival rate after L-valine treatment. There was a decrease on the survival rate with increasing L-valine concentrations. 500 mM showed to be lethal to all embryos at 48 hpf, 450 mM at 96 hpf and 400 mM at 120 hpf. 250 mM, 300 mM and 350 mM showed none or little effect on survival rate (similar to control). **B)** Hatching rate after L-valine treatment. No embryos hatched at 400 mM and 450 mM (** $p < 0.001$ in both cases). **C)** Malformation rate after L-valine treatment at 48 hpf. Malformed embryos at 48 hpf, only appeared at 400 mM (90 %) and had total incidence for 450 mM (** $p < 0.001$ in both cases). **D)** Skeletal deformity rate after L-valine treatment at 72 hpf. Deformed embryos were visible at 300 mM and 350 mM, with an incidence of 55 % (** $p < 0.001$).

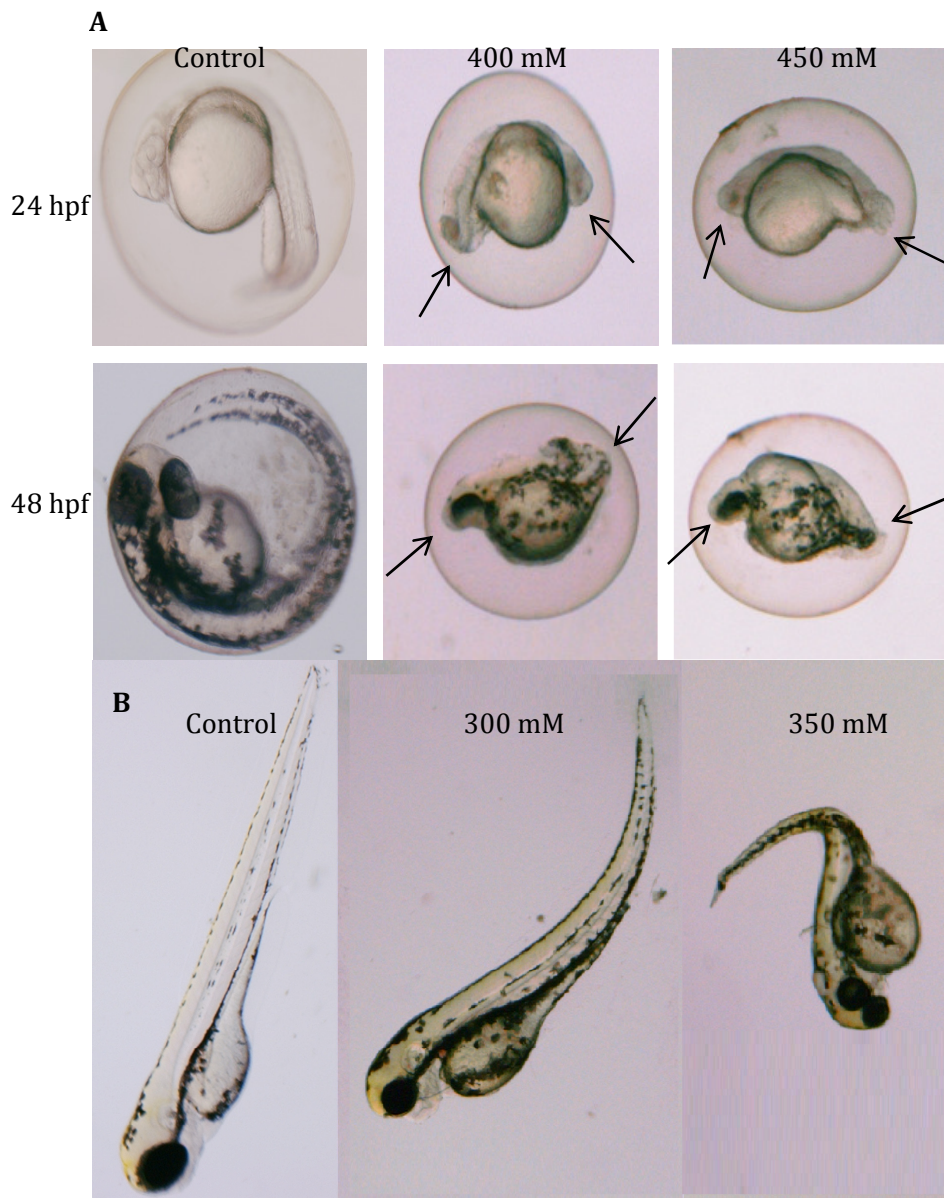


Figure 27 - Embryos exposed to L-valine show increased incidence of malformations. A) Lateral view of 24 hpf and 48 hpf embryos exposed to different 400 mM and 450 mM and the control. Photos were taken with a Nikon camera attached to a Leica magnifier (pictures are not related in size). It is possible to see the difference between the affected embryos and the control (smaller heads, smaller tails and underdeveloped eyes) indicated by the arrows. **B)** 72hpf embryos exposed to 300 mM and 350 mM of L-Valine solution and control embryos. These embryos showed skeletal deformities, with little impact on 300 mM embryos but with higher impact on 350 mM exposed embryos.

3.2. CARTILAGE DAMAGE BY AMINO ACID EXPOSURE

The observation of the embryos at the dissecting microscope only provided information about external abnormal characteristics. To comprehend how the amino acids affect the embryos internally, we decided to stain and analyze some cartilage structures of the head. For that, we observed two craniofacial cartilage structures, which develop early in the embryo, namely the mandibular arch (Figure 28-A) and the branchial arches (Figure 28-B).

Usually the cartilage starts to differentiate in zebrafish from the mesenchymal tissue at 48 hpf. Some craniofacial cartilage structures start to differentiate at this stage, namely in the jaw, such as the mandibular arch. The mandibular arch is a large supportive structure of the lower jaw beneath the oral cavity. Another craniofacial cartilage structure, the branchial arches, begins to develop morphologically about a half day after the jaw cartilages. The branchial arches do not develop synchronously, with the last branchial arches, which are the middle ones, developing after 72 hpf (Kimmel et al., 1995).

Embryos with indications of skeletal deformities were used, so embryos exposed to 350 mM of five small amino acids, namely L-alanine, L-glycine, L-proline, L-serine and L-valine were stained and observed at 120 hpf.

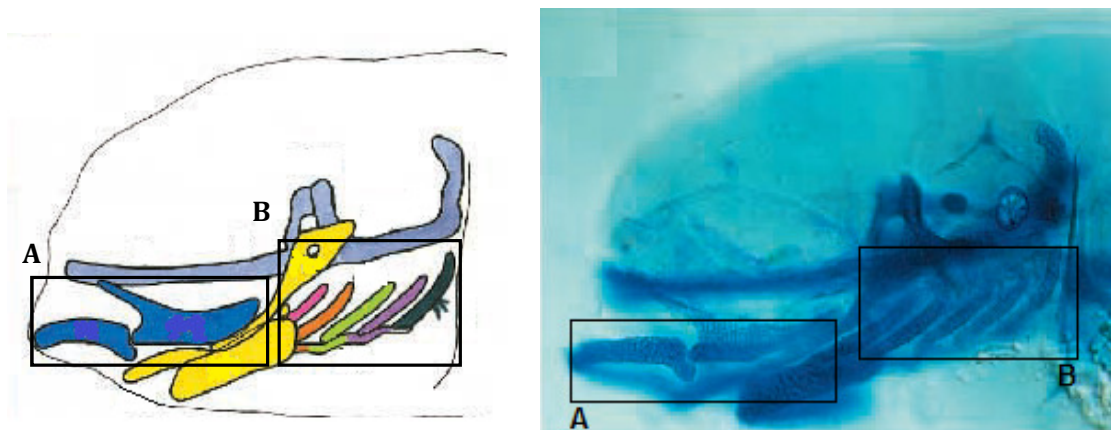


Figure 28 - Lateral view of the head of a normal larva between 5 and 6 days, showing the jaw and the branchial arches. A) Lateral view of the mandibular arch. B) Lateral view of the five branchial arches.

Adapted from (Schilling et al., 1996).

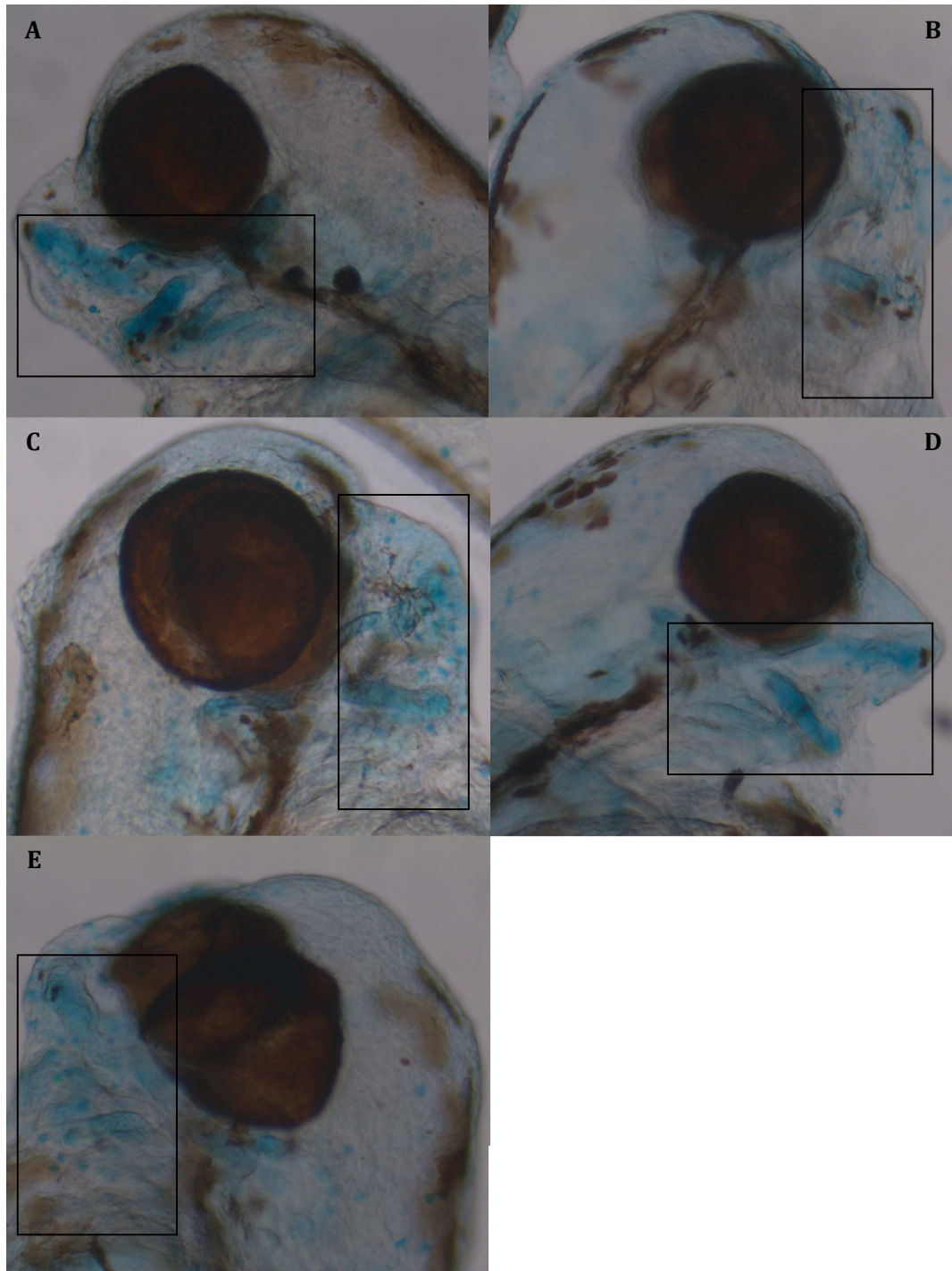


Figure 29 - Lateral view of the head of embryos at 120 hpf exposed to 350 mM of small amino acids. A) L-alanine. B) L-glycine. C) L-proline. D) L-serine. E) L-valine. It is possible to observe that all amino acids tested induced malformation or an undeveloped mandibular arch and abnormal or sub-numeraries branchial arches.

Embryos exposed to 350 mM of L-alanine (Figure 29-A), L-glycine (Figure 29-B), L-proline (Figure 29-C), L-serine (Figure 29-D) or L-valine (Figure 29-E) showed an underdeveloped head with the front part of the head malformed. Besides that, they showed malformed and underdeveloped craniofacial cartilage structure and malformed, namely in the mandibular arch and branchial arches. The branchial arches were reduced and/or sub-numeraries.

3.3. QUANTIFICATION OF UBIQUITIN AS A TOOL FOR ACCESSING MISFOLDED PROTEINS

All newly synthesized proteins need to fold properly and translocate to their appropriate compartments within the cell. Protein folding is facilitated by chaperones, which prevent the nascent proteins from aggregating. Protein aggregation results from non-native interactions among structured, kinetically trapped intermediates in protein folding or assembly. This process is facilitated by partial unfolding during thermal or oxidative stress and by alterations in primary structure caused by mutations, RNA modification or translational misincorporation (Bernales et al., 2006).

To avoid accumulation of protein aggregates and consequently lesion to the cell, there are cellular 'quality control' machineries (Kopito, 2000). One of the most important pathways for degradation of proteins is the ubiquitin-proteasome pathway. It involves two successive steps: 1) tagging of the substrate by covalent attachment of multiple ubiquitin molecules and 2) degradation of the tagged protein by the 26S proteasome complex with release of free and reusable ubiquitin. The ubiquitin molecule is generally transferred to an -NH₂ group of an internal Lysine residue in the protein. Then, three more ubiquitin molecules are added forming a polyubiquitin chain. This polyubiquitin chain will be recognized by the 26S proteasome complex. Mutated and denatured/misfolded proteins are recognized specifically and are removed efficiently by this mechanism (Glickman and Ciechanover, 2002).

Smaller amino acids are more mischarged by aaRSs and incorporated in a peptide. This wrong incorporation can lead in several cases to formation of misfolded

proteins and consequently to the activation of the ubiquitin-proteasome pathway. To verify if high concentrations of amino acids are causing protein misfolding and activating protein degradation mechanisms, we decided to analyze the polyubiquitination state of the proteome under amino acid imbalance. For that we used an antibody that targets the polyubiquitin chain and used tubulin as control of the total protein quantity.

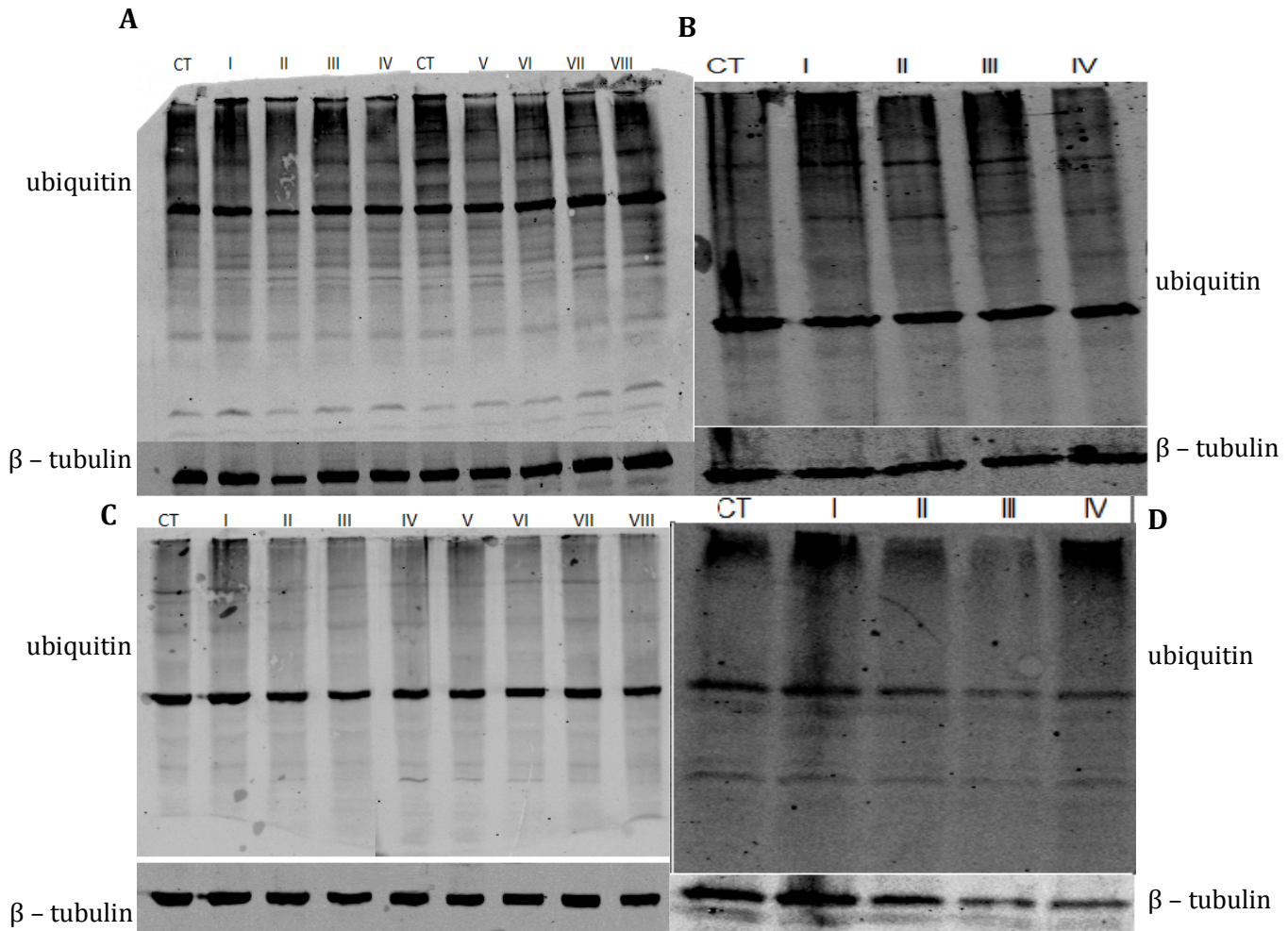


Figure 30 - Western Blot for ubiquitin and β - tubulin. Antibodies against tubulin and ubiquitin were used on protein extract from embryos exposed to the amino acids L-alanine, L-glycine, L-proline, L-serine, L-valine, L-tryptophan and L-phenylalanine at 24 hpf. In neither cases significant differences were observed between the samples and the control. **A)** CT-Control; I-Alanine 0.3 M; II - Alanine 0.35 M; III-Alanine 0.4 M; IV-Alanine 0.45 M; V-Glycine 0.3 M; VI-Glycine 0.35 M; VII-Glycine 0.4 M; VIII-Glycine 0.45 M. **B)** CT-Control; I-Proline 0.3 M; II - Proline 0.35 M; III-Proline 0.4 M; IV-Proline 0.45 M. **C)** CT-Control; I-Serine 0.3 M; II - Serine 0.35 M; III-Serine 0.4 M; IV-Serine 0.45 M; V-Phenylalanine 50 mM; VI-Phenylalanine 75 mM; VII-Phenylalanine 100 mM; VIII-Tryptophan 5 mM. **D)** CT-Control; V-Valine 0.3 M; VI-Valine 0.35 M; VII-Valine 0.4 M; VIII-Valine 0.45 M.

Total protein of embryos exposed to 300 mM, 350 mM, 400 mM and 450 mM at 24 hpf to the five small amino acids were used (Figure 30-A, B, C, D). Also, we decided to use embryos exposed to 5 mM of L-tryptophan at 24 hpf and embryos exposed to 50 mM, 75 mM and 100 mM of L-phenylalanine because they presented a growing pattern of toxicity (Figure 30-C). Two replicates were performed for each amino acid.

No significant variation in ubiquitin profiles was detected suggesting that the activity of the ubiquitin-proteasome pathway did not increase with toxicity. This indicates that there is no incorporation of mischarged amino acids at toxic levels and indicates that the toxicity observed is due to other mechanisms.

4. DISCUSSION, CONCLUSIONS AND FUTURE PERSPECTIVES

4.1. AMINO ACID TOXICITY IS NOT RELATED WITH THEIR R GROUP

Amino acids are important biomolecules playing key roles in the cell (Nelson, 2004). However, in excess, they are toxic. Their toxicity is not well known, still, some amino acids are well studied such L-methionine, L-phenylalanine or L-cysteine (Baker, 2004). Although amino acids share similar characteristics and can be grouped, for example, by properties of their R group, they don't appear to have similar toxicities between the elements of a group (Smith, 1968), which is line with the data obtained in this study (Table 2).

Since only a few amino acids generated toxicity in zebrafish embryos with the concentrations tested, it is difficult to relate the toxicity with the amino acid groups. For this reason, it is necessary to increase the concentration range of the amino acids that did not show toxicity during zebrafish development. Nevertheless, the few amino acids for which we observed toxicity do not share the same toxicity and the same toxic concentrations (between amino acids of the same group).

It is widely accepted that the most toxic amino acids are present in the group of nonpolar amino acids (Peng et al., 1973). Usually, L-methionine is by far the most toxic one in several vertebrate models, such as chicken (Harter and Baker, 1978) or mouse (Dever and Elfarra, 2008). Usually, this toxicity is followed by L-tryptophan, L-phenylalanine, L-leucine and L-isoleucine, but depending of the model and the study, different nonpolar amino acids can be more toxic than others (Peng et al., 1973; Sauberlich, 1961). However, in this study, only L-tryptophan and L-phenylalanine caused toxicity in zebrafish embryos. Despite the fact they both are aromatic, both caused mortality and affected the embryo development, their toxicity is different. L-tryptophan was more toxic than L-phenylalanine and caused higher levels of mortality. Also, L-tryptophan caused malformations, mainly in the tail, and edema. On the other hand, embryos exposed to L-phenylalanine showed normal development, but pigmentation reduction and edema. At the highest concentration tested (100 mM), L-phenylalanine caused growth arrest, affecting the whole organism contrary to L-tryptophan that induced specific malformations, namely in the tail.

Polar amino acids are also associated with high toxicity, in particular cysteine and glutamine, that show high toxicity in chickens (Dilger and Baker, 2008) and humans, respectively. In our data, only L-glutamine was toxic at tested concentrations, causing high mortality at 72 hpf.

Acidic and basic amino acids are usually associated with less toxicity than the polar and nonpolar ones. Usually the most toxic one is L-histidine (Smith, 1968). However, in our study, L-histidine was not toxic and the other four amino acids were toxic (L-arginine, L-lysine, L-aspartic acid and L-glutamic acid). L-arginine was the most toxic one, causing high mortality and no other effect. The other three toxic amino acids tested (L-lysine, L-aspartic acid and L-glutamic acid) caused similar effects and they all delayed the hatch of the embryos. L-aspartic acid and L-glutamic acid (both acidic amino acids) caused similar effects and curiously, the basic amino acid L-lysine also caused the same effect, but it was more toxic. This could indicate a similar pathway of toxicity between acidic and basic amino acids, but L-arginine showed a different effect, maybe contradicting this idea.

To reinforce the idea that toxicity is not caused by groups of amino acids, all small amino acids showed similar effects, despite the fact they belong to different groups. This indicates that their toxicity should be related to their size instead of properties of their group. Small amino acids affected normal development, causing malformations, deformations and death. Also affected the normal development of the craniofacial cartilage structures.

4.2. POSSIBLE MECHANISMS OF AMINO ACID TOXICITY

L-methionine is considered the more toxic canonical amino acid (Benevenga, 1974; Harter and Baker, 1978). As happens with other amino acid toxicity, the main effect in vertebrates is growth retardation. This amino acid affects the liver with the accumulation of some products derived from L-methionine such as S-adenosylmethionine or homocysteine causing lipid peroxidation or accumulation of triglycerides (Dever and Elfarra, 2008). Also causes tissue damage including hypoglycemia and pancreatic damage (Harter and Baker, 1978). Usually, between 20 mmoles and 30 mmoles are sufficient to cause toxicity in rats (Muramatsu et al., 1971; Peng et al., 1973; Sauberlich, 1961) and chick (Baker, 2004; Harter and Baker, 1978) and 120 mmoles in pigs (Baker, 2004). In our study, 100 mM corresponding to 0.2 mmoles of L-methionine did not cause any effect. Higher concentration should be tested, because the quantity tested was lower than the one that causes toxicity in other vertebrate models. Besides no external effect was observed on our test, usually this amino acid causes alterations in organ development, namely liver (Lartey and Austic, 2008). So, an observation of the internal organs, namely liver, after this differentiates at 96 hpf (Tao and Peng, 2009), should be performed to verify how L-methionine affects the liver.

Another typical toxic amino acid is L-cysteine. However we were unable to test this amino acid at the desired concentrations because it oxidizes very quickly in water (Nelson and Cox, 2004). Perhaps, using another solvent such as dimethyl sulfoxide or acetone this situation could be solved allowing higher concentrations to be tested. It is known that the toxicity of this amino acid is associated with oxidative stress and the increase in the inorganic sulfate. This leads to metabolic acidosis causing tissue damage as demonstrated in chicks (Dilger and Baker, 2008). In rats 50 mmoles of L-cysteine cause toxicity (Sauberlich, 1961) and 30 mmoles in chicks (Dilger and Baker, 2008). In our study, at the highest tested concentration 10 mM, corresponding to 0.02 mmoles, no effect was observed.

The other amino acid that we couldn't test to the desire concentrations was L-tyrosine, which is the less soluble canonical amino acid. Perhaps, this could be solved

using another solvent such as dimethyl sulfoxide or acetone. At the highest tested concentration (3mM), no visible effect was observed. To date no mechanism of toxicity has been associated with this amino acid, but it is known that in excess, L-tyrosine causes growth retardation in chicken (Boctor and Harper, 1968), and causes eye and paw lesions in rat (Alam et al., 1965).

L-glutamine was also highly toxic, causing high mortality at low concentrations (10 mM). In other studies, 10 mM of L-glutamine in extracellular space of human brain also caused toxicity (Dever and Elfarra, 2008). In rat 30 mmoles was sufficient to cause toxicity such as growth retardation (Peng et al., 1973). This value was much higher than the quantity in our study in order to cause toxicity in zebrafish (0.02 mmoles). This amino acid is a product of ammonia, affects its intracellular concentration and causes neurotoxicity in human brain (Albrecht et al., 2010). Although zebrafish embryos tolerate well ammonia, long exposure can cause growth retardation, tissue lesions and mortality (Braun et al., 2009; Lawrence, 2007), which may explain why zebrafish embryos exposed to L-glutamine only died at 72 hpf. However, it was not observed growth retardation and the internal organs were not observed to look for tissue damage. So, it would be interesting to observe the internal organs, namely brain, for tissue lesions.

Usually L-arginine is not associated with high toxicity, but, in our study it caused high mortality. Usually, between 20 and 30 mmoles of L-arginine can cause toxicity in rats (Peng et al., 1973; Sauberlich, 1961) and chicks (Baker, 2004; Lartey and Austic, 2008). From our data, however, only 0.15 mmoles were sufficient to cause toxicity and high mortality. L-arginine toxicity is associated with competition with other amino acids for the same transporter and with high formation of nitric oxide (an oxidation product of L-arginine) and consequently negatively influence on cell proliferation and differentiation and induced apoptosis causing cell death (Poon, 2003; Shin et al., 2009).

The other acidic and basic amino acids (L-histidine, L-lysine, L-aspartic acid and L-glutamic acid) are also not associated to high toxicity, despite L-histidine is usually considered more toxic than the other three. Their toxic values (L-histidine, L-lysine, L-aspartic acid and L-glutamic acid) are situated between 30 mmoles and 50 mmoles in rats (Peng et al., 1973; Sauberlich, 1961) and chicks (Peng et al., 1973; Sauberlich, 1961). Also, 200 mmoles of L-lysine are toxic in pig (Baker, 2004). In our data, 0,1 mmoles of L-lysine and L-aspartic acid and 0.2 mmoles of L-glutamic acid were sufficient to disrupt the normal zebrafish development. Curiously, L-histidine did not cause any effect at the tested concentrations in zebrafish embryos. The mechanism of toxicity of this four amino acids (L-histidine, L-lysine, L-aspartic acid and L-glutamic acid) is not well known but it is thought to be associated with competition for the same transporters (Smith, 1968).

We tried to verify if the cause of toxicity of the remaining seven toxic amino acids (L-tryptophan, L-phenylalanine, L-alanine, L-glycine, L-proline, L-serine and L-valine) in our study is due to the incorporation of non-cognate amino acids in translation. For that, we realized Western blots to analyze the polyubiquitination state of the proteome. Lee and colleagues (Lee et al., 2006) showed that when non-cognate amino acids are incorporated in translation at high level, there is an increased formation of misfolded proteins, which leads to toxicity. It also leads to an increased activation of the ubiquitin-proteasome pathway. They analyzed the increase of the ubiquitin-proteasome pathway by the observation of Western blots. However, in our study, by the analysis of the Western Blots, no significant variation in ubiquitin profiles was detected suggesting that the activity of the ubiquitin-proteasome pathway did not increase with toxicity. This indicates that there is no incorporation of mischarged amino acids at toxic levels and indicates that the toxicity observed is due to other mechanisms.

In our study, L-tryptophan was the most toxic amino acid causing high mortality at 5 mM or 0.01 mmoles. In rats and chicks, a much higher value is necessary to cause toxicity, between 0.15 and 0.2 moles (Baker, 2004; Sauberlich, 1961). Usually its toxicity is associated with interference in the kynurenine pathway and production of free radicals causing toxicity to the cell (Gross et al., 1999; Stone, 2001). In vertebrate models it is associated with growth arrest (Smith, 1968) and Eosinophilia Myalgia

Syndrome, increased levels of serotonin, tissue fibrosis and inflammation (Ronen et al., 1999). In our study, L-tryptophan also affected normal development and caused tissue lesions, malformations and death. It would be interesting to verify if tissue lesions and malformations are caused by tissue fibrosis.

Embryos exposed to L-phenylalanine at 100 mM (0.2 mmoles) were highly underdeveloped, which is in agreement with the typical effect of amino acid toxicity in other vertebrate models (Smith, 1968), namely rat and chick (20-30 mmoles) (Baker, 2004; Sauberlich, 1961). Also, this amino acid is associated with neurotoxicity in chicks (Lartey and Austic, 2008), rats (Agrawal et al., 1970) and human (van Spronsen et al., 2009). L-phenylalanine toxicity is usually due to the fact that this amino acid functions as an inhibitor of the intake of other amino acids competing for the same transporters. It affects the normal intake of many amino acids such as tryptophan or tyrosine (Lartey and Austic, 2008), which decreases the availability of amino acids and results in a decreased synthesis of protein in general (van Spronsen et al., 2009). In zebrafish embryos, the black pigmentation (melanophores) is dependent on tyrosine. It was suggested that lack of tyrosine leads to lack of melanophores and lack of pigmentation (Quigley and Parichy, 2002). This characteristic was observed in our embryos exposed to L-phenylalanine between 25 mM and 75 mM, which indicates a reduction of the uptake of tyrosine by the cells and consequently lack of melanophores and pigmentation.

Usually, small amino acids are only associated with growth retardation (Smith, 1968). In our data, they also affected the normal development of the embryos already at 300 mM (0.6 mmoles), which is less than the toxic concentration observed in rat and chick (between 70 and 100 mmoles) (Peng et al., 1973; Sauberlich, 1961). Their toxicity is not well understood and is associated with competition with the same transporters, reducing the amino acid concentrations within the cell and consequently reducing the protein synthesis (Muramatsu et al., 1971).

CONCLUSIONS

Our data suggests that high concentrations of a single amino acid are toxic in zebrafish embryos. L-tryptophan, L-phenylalanine, L-glutamine and L-arginine were the most toxic ones affecting normal development and inducing malformations, hatching delay, edemas and high levels of mortality. Also, we show that small amino acids affect the normal craniofacial cartilage development. This model proved to be a good model to study the toxicity of amino acids on development. Lower amounts of amino acids were needed to cause toxicity than the ones in other bigger vertebrate models, namely rat, chick or pig. In this study, we also verified that the ubiquitin-proteasome pathway seemed not be highly activated, indicating that higher amino acid concentrations did not increase the rate of incorporation of non-cognate amino acids in translation. Together, our data indicates that amino acid toxicity is probably mainly due to mechanisms such as competition with the same transporter or influence on metabolic pathways.

FUTURE PERSPECTIVES

Future work should focus on the calculation of LC50 of all canonical amino acids. Besides the external observations of the embryos, it would be interested to observe the development of some internal structures of the embryos, namely cartilage, bone or liver. This will allow a full understanding of the amino toxicity on the zebrafish embryo. Also, it will be interesting to verify if the amino acid toxicity is caused by the incorporation of non-cognate amino acids during translation. For that, one could perform the observation of the ubiquitin profile, the activity of the proteasome and protein aggregation.

5. REFERENCES

- Agrawal, H.C., Bone, A.H., and Davison, A.N. (1970). Effect of Phenylalanine on Protein Synthesis in the Developing Rat Brain. *Journal Biochemistry* 117, 325-331.
- Agris, P.F. (2004). Decoding the genome: a modified view. *Nucleic Acids Research* 32, 223-238.
- Alam, S.Q., Becker, R.V., Stucki, W.P., Rogers, Q.R., and Harper, A.E. (1965). Effect of Threonine on the Toxicity of Excess Tyrosine and Cataract Formation in the Ratlf. *The journal of nutrition* 89, 91-97.
- Albrecht, J., Zielińska, M., and Norenberg, M.D. (2010). Glutamine as a mediator of ammonia neurotoxicity: A critical appraisal. *Biochemical Pharmacology* 80, 1303-1308.
- Antonellis, A., and Green, E.D. (2008). The role of aminoacyl-tRNA synthetases in genetic diseases. *Annu Rev Genomics Hum Genet* 9, 87-107.
- Baker, D.H. (2004). Animal Models of Human Amino Acid Responses. *Journal Nutrition* 134, 1646-1650.
- Benevenga, N.J. (1974). Toxicities of Methionine and Other Amino Acids. *Journal Agr Food Chem* 22.
- Berg, J.M., Tymoczko, J.L., and Stryer, L. (2002). *Biochemistry*, 5 th edn (United States of America: W. H. Freeman and Company and Sumanas, Inc.).
- Bernales, S., Papa, F.R., and Walter, P. (2006). Intracellular signaling by the unfolded protein response. *Annual review of cell and developmental biology* 22, 487-508.
- Boctor, A.M., and Harper, A.E. (1968). Tyrosine Toxicity in the Rat: Effect of high intake of p-hydroxyphenylpyruvic acid and of force-feeding high tyrosine diet. *The journal of nutrition* 95, 535-540.
- Braun, M.H., Steele, S.L., and Perry, S.F. (2009). The responses of zebrafish (*Danio rerio*) to high external ammonia and urea transporter inhibition: nitrogen excretion and expression of rhesus glycoproteins and urea transporter proteins. *J Exp Biol* 212, 3846-3856.
- Casida, J.E. (1955). Toxicity of Aromatic Acids to the larvae of the Mosquito *Aedes aegypti* L. and the Counteracting Influence of Amino Acids. *INSECTICIDAL TOXICITY OF AROMATIC ACIDS* 59, 216-221.
- Castagna, M., Shayakul, C., Trotti, D., Sacchi, V.F., Harvey, W.R., and Hediger, M.A. (1997). Molecular characteristics of Mammalian and Insect Amino acid transporters: Implications for amino acid homeostasis. *The Journal of Experimental Biology* 200, 269-286.
- Cochella, L., and Green, R. (2005). Fidelity in protein synthesis. *Current Biology* 15, R536-R540.
- Crick, F. (1970). Central dogma of molecular biology. *Nature* 227, 561-563.

- Cusack, S. (1997). Aminoacyl-tRNA synthetases. *Current Opinion in Structural Biology* 7, 881-889.
- de Poupplana, L.R., and Schimmel, P. (2001). Aminoacyl-tRNA synthetases: potential markers of genetic code development. *TRENDS in Biochemical Sciences*.
- Dever, J.T., and Elfarra, A.A. (2008). L-Methionine Toxicity in Freshly Isolated Mouse Hepatocytes Is Gender-Dependent and Mediated in Part by Transamination. *Journal of Pharmacology and Experimental Therapeutics* 326, 809-817.
- Dilger, R.N., and Baker, D.H. (2008). Excess Dietary L-Cysteine Causes Lethal Metabolic Acidosis in Chicks. *Journal Nutrition* 138.
- Eimon, P.M., and Ashkenazi, A. (2009). The zebrafish as a model organism for the study of apoptosis. *Apoptosis* 15, 331-349.
- Garret, R.H., and Grisham, C.M. (1995). *Biochemistry, International edition edn* (United States of America: Saunders College Publishing).
- Gavaia, P.j., Sarasquete, C., and Cancela, M.L. (2000). Detection of Mineralized Structures in Early Stages of Development of Marine Teleostei Using a Modified Alcian Blue-Alizarin Red Double Staining Technique for Bone and Cartilage. *Biotechnic & Histochemistry* 75, 79-84.
- Gebauer, F., and Hentze, M.W. (2004). Molecular mechanisms of translational control. *Nature Reviews Molecular Cell Biology* 5, 827-835.
- Glickman, M.H., and Ciechanover, A. (2002). The Ubiquitin-Proteasome Proteolytic Pathway: Destruction for the Sake of Construction. *Physiol Rev* 82, 373-428.
- Gross, B., Ronen, N., Honigsmann, S., and Livne, E. (1999). Tryptophan toxicity--time and dose response in rats. *Adv Exp Med Biol* 16, 467-507.
- Halling-Sorensen, B., Lutzhoft, H.C.H., Andersen, H.R., and Ingerslev, F. (2000). Environmental risk assessment of antibiotics: comparison of mecillinam, trimethoprim and ciprofloxacin. *Journal of Antimicrobial Chemotherapy* 46, 53-58.
- Harter, J.M., and Baker, A.H. (1978). Factors Affecting Methionine Toxicity and Its Alleviation in the Chick. *Journal Nutrition* 108.
- Hausmann, C.D., and Ibba, M. (2008). Aminoacyl-tRNA synthetase complexes: molecular multitasking revealed. *FEMS Microbiology Reviews* 32, 705-721.

- Hendrickson, T.L., de Crecy-Lagard, V., and Schimmel, P. (2004). Incorporation of nonnatural amino acids into proteins. *Annu Rev Biochem* 73, 147-176.
- Hill, A.J. (2005). Zebrafish as a Model Vertebrate for Investigating Chemical Toxicity. *Toxicological Sciences* 86, 6-19.
- Hölttä-Vuori, M., Salo, Veijo T.V., Nyberg, L., Brackmann, C., Enejder, A., Panula, P., and Ikonen, E. (2010). Zebrafish: gaining popularity in lipid research. *Biochemical Journal* 429, 235-242.
- Hopper, A.K., Pai, D.A., and Engelke, D.R. (2010). Cellular dynamics of tRNAs and their genes. *FEBS Letters* 584, 310-317.
- Hoshino, S., Imai, M., Kobayashi, T., Uchida, N., and Katada, T. (1999). The eukaryotic polypeptide chain releasing factor (eRF3/GSPT) carrying the translation termination signal to the 3'-Poly(A) tail of mRNA. Direct association of erf3/GSPT with polyadenylate-binding protein. *J Biol Chem* 274, 16677-16680.
- Hyllin, J.W. (1969). Toxic Peptides and Amino Acids in Foods and Feeds. *Journal of Agricultural and Food Chemistry* 17, 492-496.
- Jakubowski, H., and Goldman, E. (1992). Editing of Errors in Selection of Amino Acids for Protein Synthesis. *Microbiological reviews* 56, 412-429.
- Kapp, L.D., and Lorsch, J.R. (2004). The Molecular Mechanics of Eukaryotic Translation. *Annual Review of Biochemistry* 73, 657-704.
- Kimmel, C.B., Ballard, W.W., Kimmel, S.R., Ullmann, B., and Schilling, T.F. (1995). Stages of Embryonic Development of the Zebrafish. *Developmental Dynamics* 203, 253-310.
- Kopito, R.R. (2000). Aggresomes, inclusion bodies and protein aggregation. *trends in Cell Biology* 10, 524-530.
- Lammer, E., Carr, G.J., Wendler, K., Rawlings, J.M., Belanger, S.E., and Braunbeck, T. (2009). Is the fish embryo toxicity test (FET) with the zebrafish (*Danio rerio*) a potential alternative for the fish acute toxicity test? *Comparative Biochemistry and Physiology Part C: Toxicology & Pharmacology* 149, 196-209.
- Lartey, F.M., and Austic, R.E. (2008). Phenylalanine Requirement, Imbalance, and Dietary Excess in One-Week-Old Chicks: Growth and Phenylalanine Hydroxylase Activity. *Poultry Science* 87, 291-297.
- Lawrence, C. (2007). The husbandry of zebrafish (*Danio rerio*): A review. *Aquaculture* 269, 1-20.

- Lee, J.W., Beebe, K., Nangle, L.A., Jang, J., Longo-Guess, C.M., Cook, S.A., Davisson, M.T., Sundberg, J.P., Schimmel, P., and Ackerman, S.L. (2006). Editing-defective tRNA synthetase causes protein misfolding and neurodegeneration. *Nature* *443*, 50-55.
- McGrath, P., and Li, C. (2008). Zebrafish: a predictive model for assessing drug-induced toxicity. *Drug Discovery Today* *13*, 394-401.
- Muramatsu, K., Odagiri, H., Morishita, S., and Takeuchi, A. (1971). Effect of excess levels of individual amino acids on growth of rats fed casein diets. *The journal of nutrition* *101*, 1117-1126.
- Nelson, D.L., and Cox, M.M. (2004). *Lehninger Principles of Biochemistry*, Fourth Edition edn (United States of America: W. H. Freeman).
- Park, S.G., Schimmel, P., and Kim, S. (2008). Aminoacyl tRNA synthetases and their connections to disease. *Proceedings of the National Academy of Sciences* *105*, 11043-11049.
- Peng, Y., Gubin, J., Harper, A.E., Vavich, M.G., and Kemmerer, A.R. (1973). Food Intake Regulation: Amino Acid Toxicity and Changes in Rat Brain and Plasma Amino Acids. *Journal Nutrition* *103*, 608-617.
- Phizicky, E.M., and Hopper, A.K. (2010). tRNA biology charges to the front. *Genes Dev* *24*, 1832-1860.
- Poon, K. (2003). Expression pattern of neuronal nitric oxide synthase in embryonic zebrafish. *Gene Expression Patterns* *3*, 463-466.
- Quigley, I.K., and Parichy, D.M. (2002). Pigment pattern formation in zebrafish: a model for developmental genetics and the evolution of form. *Microscopy research and technique* *58*, 442-455.
- Reynolds, N.M., Lazazzera, B.A., and Ibba, M. (2010). Cellular mechanisms that control mistranslation. *Nature Reviews Microbiology* *8*, 849-856.
- Rodgers, K.J., and Shiozawa, N. (2008). Misincorporation of amino acid analogues into proteins by biosynthesis. *Int J Biochem Cell Biol* *40*, 1452-1466.
- Ronen, N., Livne, E., and Gross, B. (1999). Oxidative damage in rat tissue following excessive L-tryptophan and atherogenic diets. *Adv Exp Med Biol* *467*, 497-505.
- Sauberlich, H.E. (1961). Studies on the Toxicity and Antagonism of Amino acids for Weanling Rats. *The Journal of Nutrition* *75*, 61-72.
- Scheper, G.C., van der Knaap, M.S., and Proud, C.G. (2007). Translation matters: protein synthesis defects in inherited disease. *Nature reviews Genetics* *8*, 711-723.

Schilling, T.F., Piotrowski, T., Grandel, H., Brand, M., Heisenberg, C.-P., Jiang, Y.-J., Beuchle, D., Hammerschmidt, M., Kane, D.A., Mullins, M.C., *et al.* (1996). Jaw and branchial arch mutants in zebrafish I: branchial arches. *Development* 123, 329-344.

Schimmel, P. (2008). Development of tRNA synthetases and connection to genetic code and disease. *Protein Science* 17, 1643-1652.

Schimmel, P., Gisg , R., Morast, D., and Yokoyama, S. (1993). An operational code for amino acids and possible relationship to genetic code. *Proc Natl Acad Sci* 90, 8763-8768.

Scholz, S., Fischer, S., G ndel, U., K ster, E., Luckenbach, T., and Voelker, D. (2008). The zebrafish embryo model in environmental risk assessment—applications beyond acute toxicity testing. *Environmental Science and Pollution Research* 15, 394-404.

Schwartz, J., and Maas, W. (1960). Analysis of the inhibition of growth produced by canavanine in *Escherichia coli*. *Journal Bacteriology* 79, 794-799.

Selderslaghs, I.W.T., Van Rompay, A.R., De Coen, W., and Witters, H.E. (2009). Development of a screening assay to identify teratogenic and embryotoxic chemicals using the zebrafish embryo. *Reproductive Toxicology* 28, 308-320.

Shin, B.C., Ryu, H.H., Chung, J.H., Lee, B.R., and Kim, H.L. (2009). The protective effects of green tea extract against L-arginine toxicity to cultured human mesangial cells. *J Korean Med Sci* 24 *Suppl*, S204-209.

Smith, R.E. (1968). Effect of Arginine upon the Toxicity of Excesses of Single Amino Acids in Chicks. *Journal Nutrition* 95, 547-553.

Soeters, P.B., Poll, M.C.G.v.d., Gemert, W.G.v., and Dejong, C.H.C. (2004). Amino acid adequacy in pathophysiological states. *The journal of nutrition*.

Sprinzi, M., and Vassilenko, K.S. (2005). Compilation of tRNA sequences and sequences of tRNA genes. *Nucleic Acids Res* 33, D139-140.

Stone, T.W. (2001). Endogenous neurotoxins from tryptophan. *Toxicon* 39, 61-73.

Tao, T., and Peng, J. (2009). Liver development in zebrafish (*Danio rerio*). *Journal of Genetics and Genomics* 36, 325-334.

van Spronsen, F.J., Hoeksma, M., and Reijngoud, D.J. (2009). Brain dysfunction in phenylketonuria: is phenylalanine toxicity the only possible cause? *J Inherit Metab Dis* 32, 46-51.

Voet, D., and Voet, J.G. (1995). *Biochemistry*, Second edition edn (United States of America: John Wiley & Sons, Inc).

Woese, C.R. (1965). Order in the genetic code. *Proc Natl Acad Sci* *54*, 71-75.

Woese, C.R., Dugre, D.H., Saxinger, W.C., and Dugre, S.A. (1966). The molecular basis for the genetic code. *Proc Natl Acad Sci* *55*, 966-974.

Woese, C.R., Olsen, G., Ibba, M., and Soll, D. (2000). Aminoacyl-tRNA Synthetases, the Genetic Code, and the Evolutionary Process. *MICROBIOLOGY AND MOLECULAR BIOLOGY REVIEWS* *64*, 202-236.

Yang, L., Ho, N.Y., Alshut, R., Legradi, J., Weiss, C., Reischl, M., Mikut, R., Liebel, U., Müller, F., and Strähle, U. (2009). Zebrafish embryos as models for embryotoxic and teratological effects of chemicals. *Reproductive Toxicology* *28*, 245-253.

Yuan, J., Sheppard, K., and Söll, D. (2008). Amino acid modifications on tRNA. *Acta Biochim Biophys Sin* *40*, 539–553.

Zhou, X.L., Du, D.H., Tan, M., Lei, H.Y., Ruan, L.L., Eriani, G., and Wang, E.D. (2011). Role of tRNA amino acid-accepting end in aminoacylation and its quality control. *Nucleic Acids Res* *39*, 8857-8868.

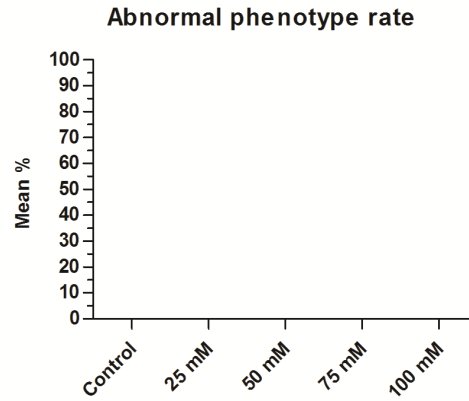
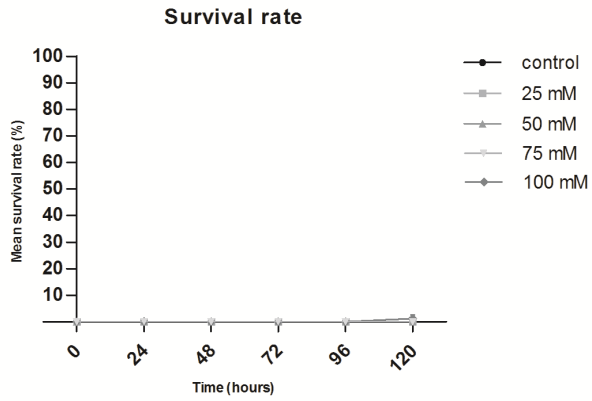
Websites

<http://blog.drewberman.com/wellness-project/what-are-amino-acids> (20-10-2011)

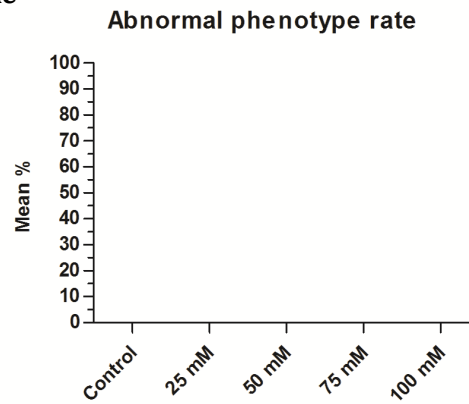
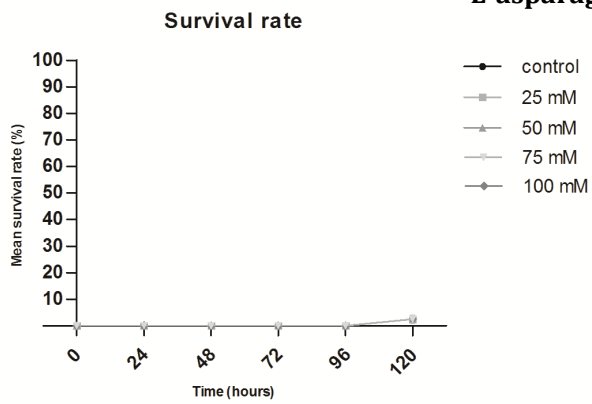
www.zfin.org (25-10-2011)

ANNEXES

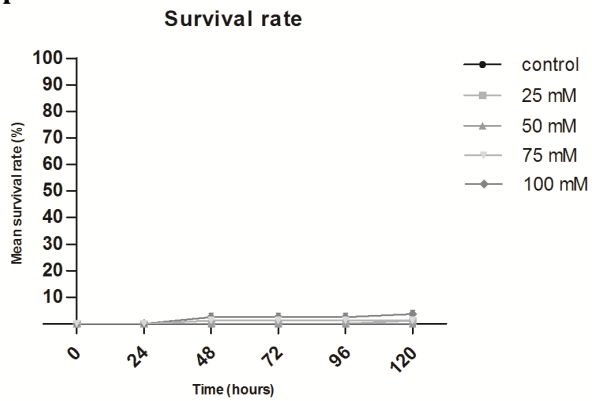
L-Alanine



L-asparagine

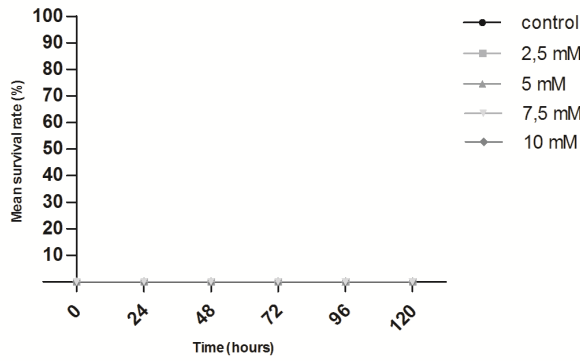


L-aspartic acid

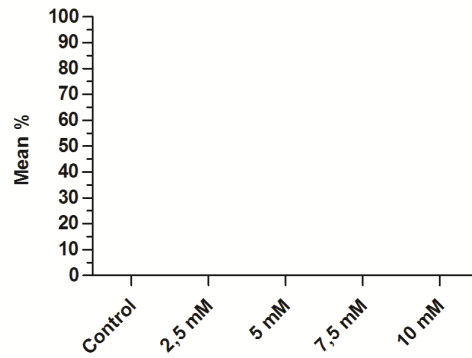


L-cysteine

Survival rate

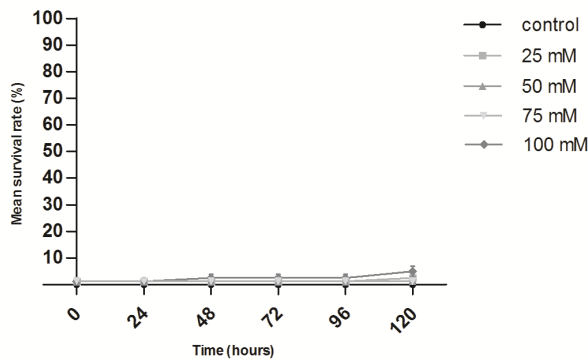


Abnormal phenotype rate



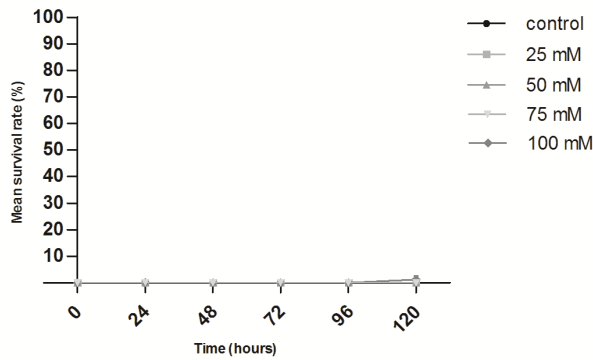
L-glutamic

Survival rate

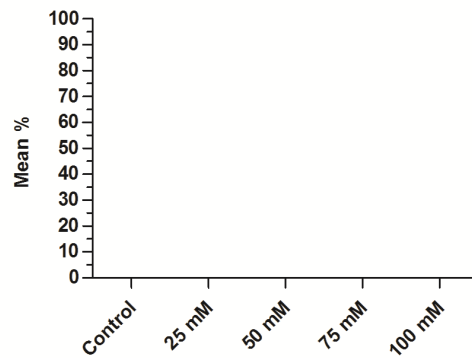


L-glycine

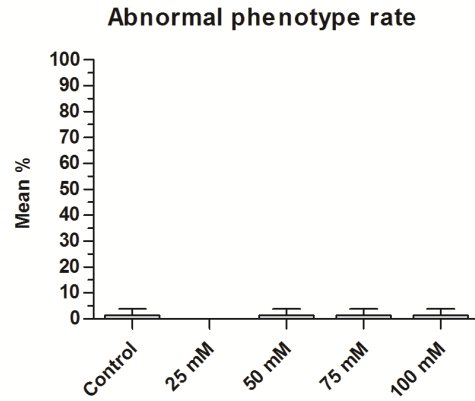
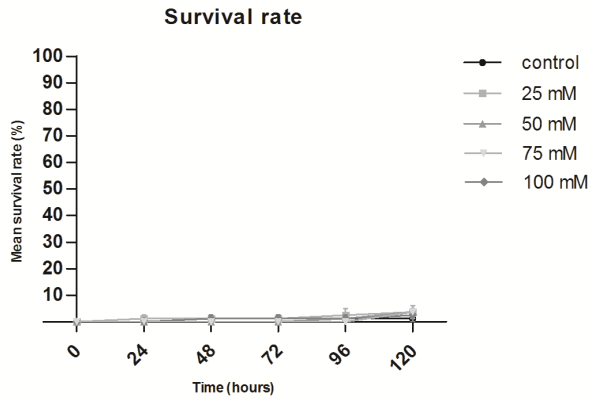
Survival rate



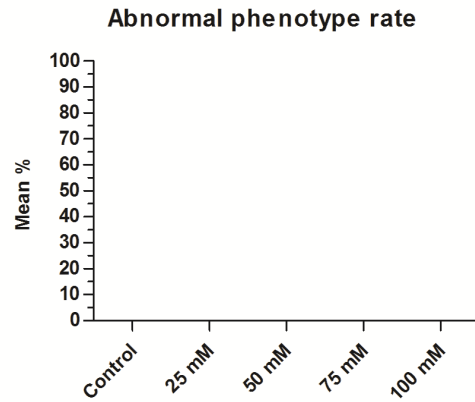
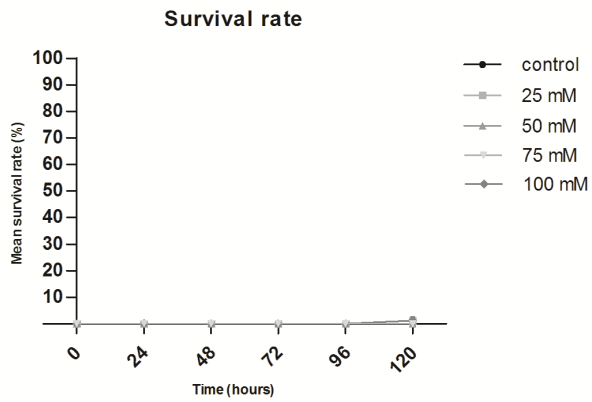
Abnormal phenotype rate



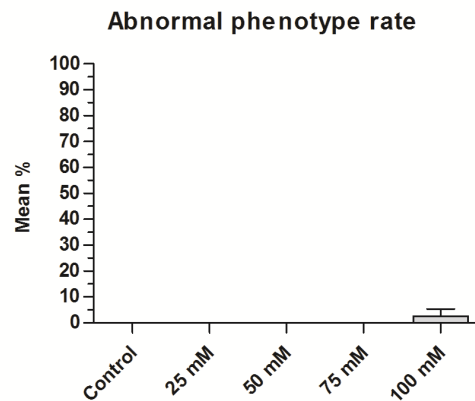
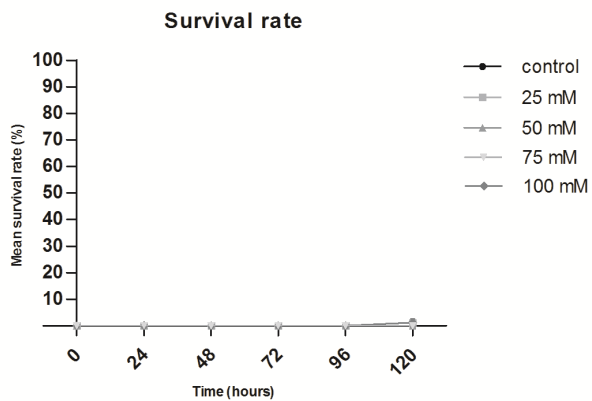
L-histidine



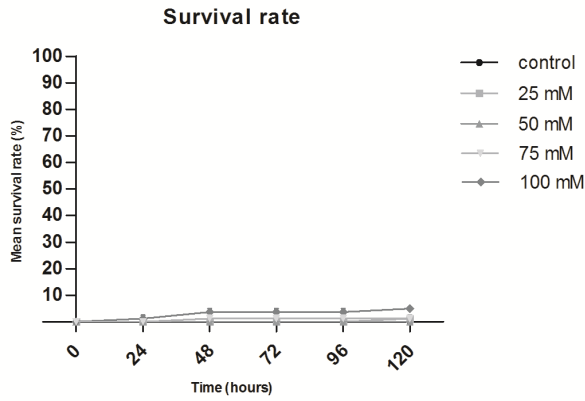
L-isoleucine



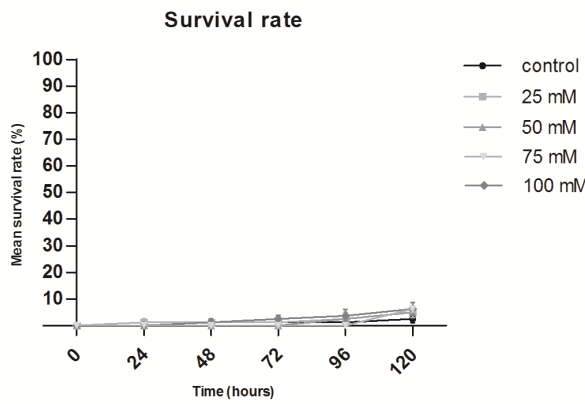
L-leucine



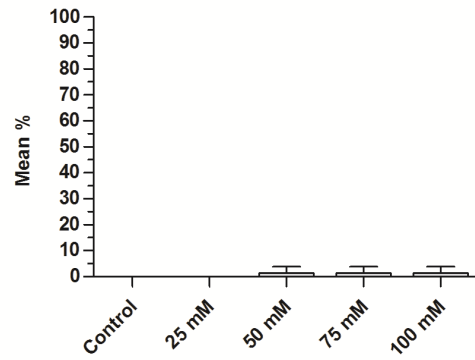
L-lysine



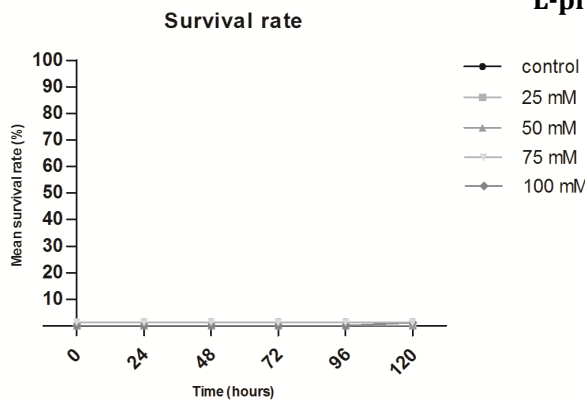
L-methionine



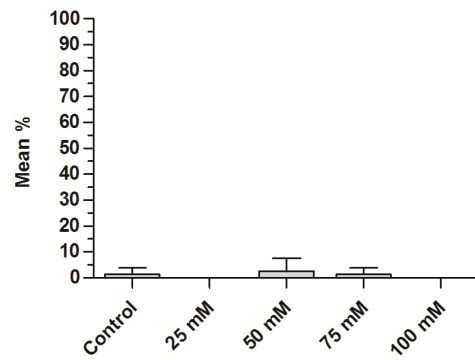
Abnormal phenotype rate

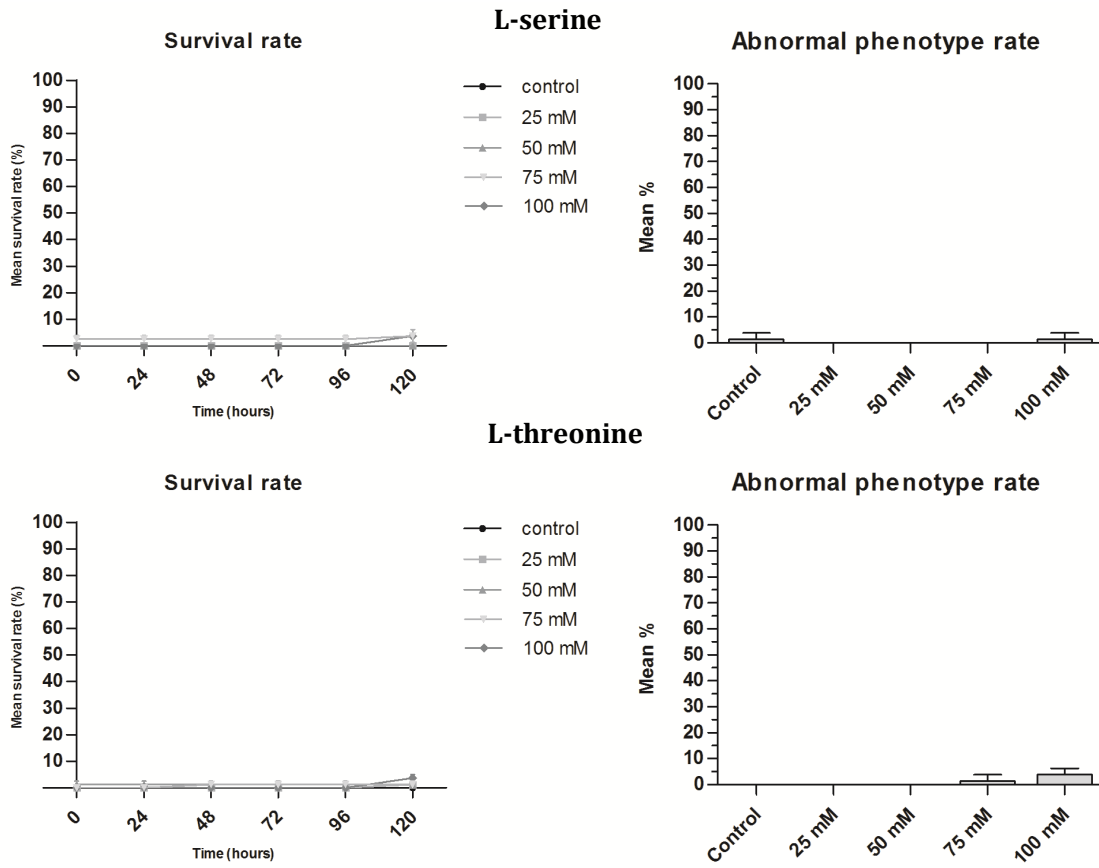


L-proline



Abnormal phenotype rate





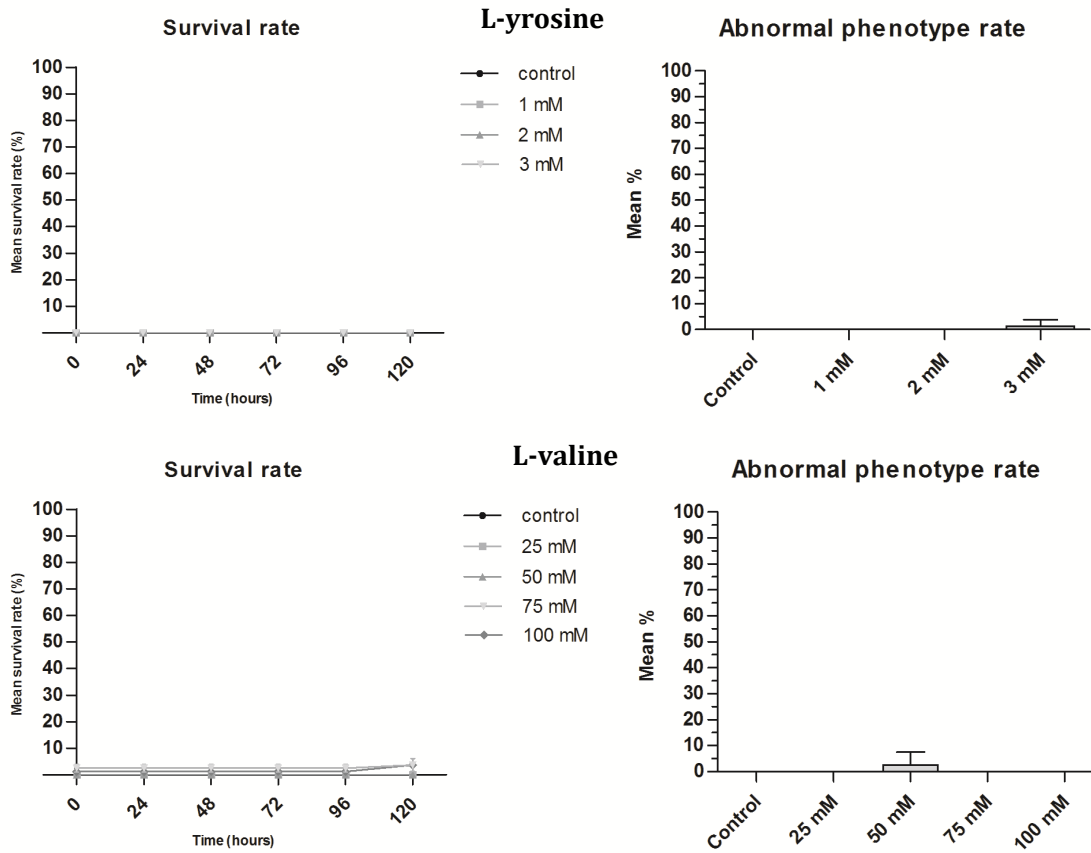


Figure 31 - Effects of the 20 canonical amino acids on survival and abnormal phenotypes. Zebrafish embryos were exposed to different concentrations (25 mM, 50 mM, 75 mM and 100 mM) until 120 hpf and compared with the control, except for L-cysteine and L-tyrosine, which were exposed to 2.5 mM, 5 mM, 7.5 mM and 10 mM of L-cysteine and 1mM, 2mM and 3mM of L-tyrosine (both until 120 hpf). Mortality was recorded every 24 hours until 120 hpf. Abnormal phenotypes were recorded at 120 hpf and were considered any abnormal phenotype any difference characteristic when compared with the control (as described in section material and methods).

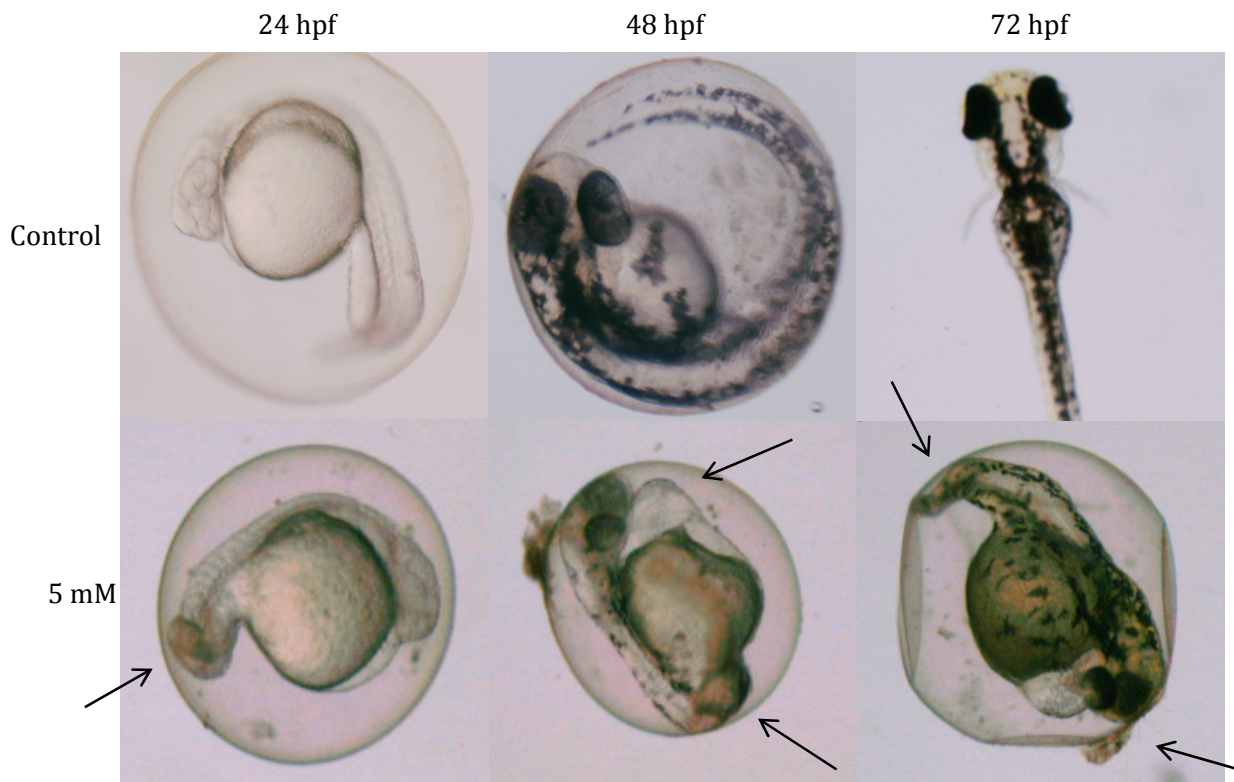


Figure 32 - Embryos exposed to 5 mM of L-tryptophan. Lateral view of 24, 48 and 72 hpf control embryos and embryos exposed to 5mM of L-tryptophan. Photos were taken with a Nikon camera attached to a Leica magnifier (pictures are not related in size). It is possible to see the differences between affected embryos and control. The affected embryos developed edemas, malformations in tail and exhibited smaller heads (indicated by arrows).

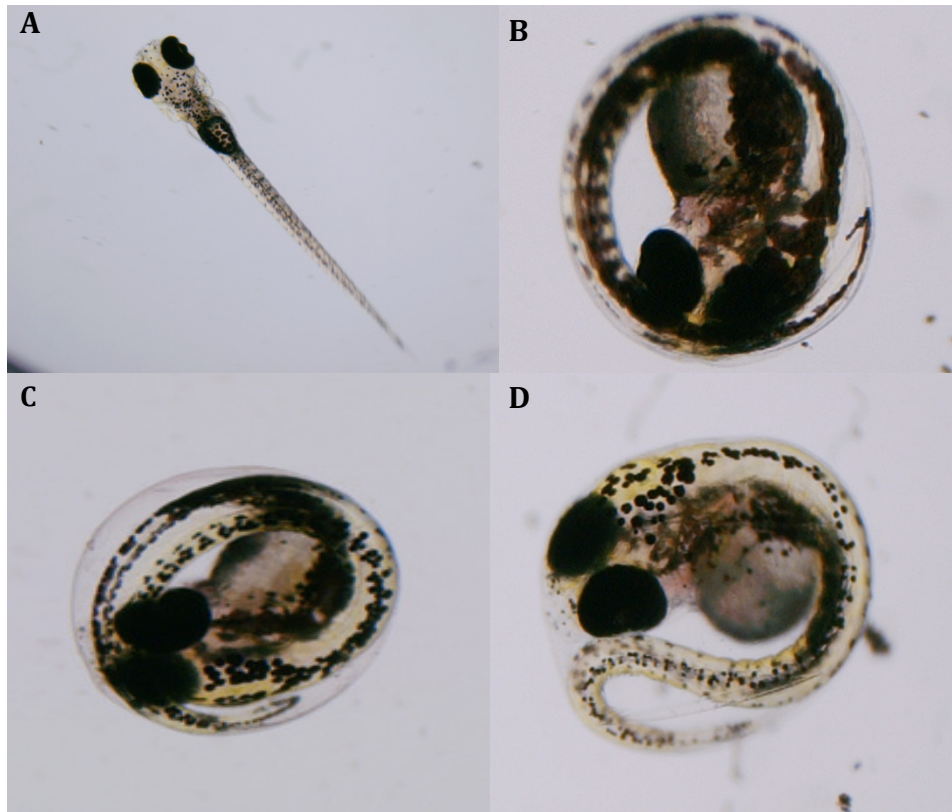


Figure 33 - Embryos exposed to 100 mM of L-aspartic acid, L-glutamic acid and L-lysine. Lateral view of 120 hpf control embryos and embryos at 120 hpf exposed to 120 mM of L-aspartic acid (A), L-glutamic acid (B) and L-lysine (C). Photos were taken with a Nikon camera attached to a Leica magnifier (pictures are not related in size). It is possible to see that embryos exposed to the amino acids are still inside the chorion.